

I-14,4,58

BC/OR
869.91
625

N. Cham.: 869.91 625 616
Autor: Castro, Antonio Pedro da Silva
Titulo: Hoje... Hoje... e amanhã! : drama em 5

HOJE... HOJE... E AMANHÃ!...

DRAMA EM 5 ACTOS

C. D. C.

AO ILLM. SR. AMARDO BENTO, CAPITÃO-JECA ANTIGA GUARDA NACIONAL E SO-
NDAIRO DO EXERCITO, CAVALEIRO DA IMPERIAL
ORDEM DA ROSA, ACTOR DE VARIOS THEATROS THEATROS E
LITTERARIOS, ETC., ETC.

1886

Antonio Pedro da Silva Castro

Critico do Conservatorio Dramatico da Bahia

BAHIA

TYPOGRAPHIA DO VINTE DE AGOSTO.

N. 12.-Ladeira da Fregeira.-3, 12

1886



Obras
2.º
B.P.E.B

3399

B.P.I.O.R.
XIX
869.91
2854

H. O. M. B.
G. A. S. H. R. A. S.
152/95



Meu Claro Zmaudo.

Offereço-te minha primeira composição dramatica.

Ninguem melhor do que tu a pode apadrinhar, pelo muito que entendes de cousas de theatro.

E' uma simples tentativa, e como tal está cheia de defeitos e incorrecções; nem baptisado ainda está.

Entrego-t'a sem nome ao menos. Tu como padrinho dá-lhe o que achares mais acertado e educa-a: que a mim seu pae, faltam-me meios para isso.

Por educação entendo: que a corrijas, que a endreites... que lhe appliques os apparatus orthopedicos que achares precisos, enfim, que a prepares de modo tal, que se algum dia tiver de apparecer em publico não me envergonhe.

Creio, porém, que ella nunca sabirá do lar paterno; isto é, do fundo de minha gaveta.

Em todo o caso é tua; aceita-a, e desculpa a insignificancia da offerta de

primo e amigo

ANTONIO CASTRO.

Bahia, 26 de Junho de 1886.

ACTO I

Um rico salão em casa de Gustavo, elle e seus amigos estão tomando o café depois do jantar. São 5 horas da tarde.

SCENA I

Gustavo, Henrique, Florentino, Marinho, Barbosa e Porphyrio

HENRIQUE

(A' Gustavo)—Meu charo, teu jantar estava delicioso!

GUSTAVO

(Sorrindo)—Devéras?

HENRIQUE

Não conheço ninguém que saiba assim obzequiar seus amigos.

GUSTAVO

Pois, ollia é a meu cosinheiro que cabe toda gloria.

HENRIQUE

Não! . . . Assim como não é ao soldado que cabe a victoria, mas sim ao general. Cosinheiros que coubeçam o seu officio não se encontram em qualquer casa; mas somente nas das pessoas de bom gosto, que sabem se tratar.

FLORENTINO

(Observando uns desenhos, que estão n'uma meza) Bravo!
Magnifico!... De quem são estas aquarellas, Gustavo?

GUSTAVO

Simplemente... minhas.

FLORENTINO

Soberbo, meu charo! Estas pinturas estão esplendidas!
Como este horizonte se esbate ham n'este fundo claro!
E como parece que se está sentindo o ar passando por entre
esta folhagem!...

HENRIQUE

O desenho é forte e vigoroso!

MARINHO

Que bello effeito de luz!

FLORENTINO

Esta folha está brilhando ao sol como se fosse uma esme-
ralda!

GUSTAVO

(Sorrindo)—Lisonjeiros!

FLORENTINO

Perdão!... Não sou lisonjeiro... digo apenas o que
sinto.

GUSTAVO

Meus amigos, não passo de um simples curioso e nada
mais... Não tenho a louca pretensão de querer que me

tomem por um Raphael.... nem mesmo quero passar por
um pintor.

FLORENTINO

E porque não? Conheço alguns pintores de fama, que
não te chegam aos calcanhares.

HENRIQUE

Que pena que sejas rico, e que só trabalhes por distrac-
ção! Se fosses pobre, pintarias aiada melhor!

GUSTAVO

Mas então, lisonja á parte, julgam que se me fosse preciso
viver de meus pinceis...

HENRIQUE

Poderias fazer uns oito contos por anno

GUSTAVO

Olá!... Oito contos!...

HENRIQUE

Oito contos, sim; e... talvez dez!

BARBOSA

Não ha duvida que o desenho é uma prenda agradável
e proveitosa;...mas deixemos isto, meu Gustavo, aos
que nada tem de seu. Que um pobre diabo que vive
sempre com a sella na barriga, sem ter onde cabir morto,
pincelle bem ou mal alguns pannos para comer... vá que
seja!... Mas o senhor, rico.... de boa familia.... pren-
dado.... são outros projectos que deve ter em mentel....
Ora, ainda hontem estive no palacio da presidencia.... e

n'uma roda fallou-se em seu nome. Por que razão, dizia-se lá, não nos procura elle? Não fica bem aos filhos dos nossos grandes proprietarios ruraes, em um paiz como o nosso, *essencialmente agricola*, viver como elle vive.... longe da politica e dos negocios publicos. Procure-o e diga-lhe que lhe arranjaremos um emprego decente, em que elle pôde ir muito longe.... por exemplo, uma inspectoría de alfandega ...

GUSTAVO

Oh! agradeço!

BARBOSA

Se tem mais gosto pela carreira diplomatica

GUSTAVO

Tambem não.

BARBOSA

Nem ao menos um lugarzinho na assembléa provincial?

GUSTAVO

Nada.... nada! Confesso que não me sinto com vocação para as alfandegas, nem para a diplomacia, e ainda menos para arvorar-me em pae da patria.

PORPHYRIO

O que o amigo deve fazer.... é casar-se; e com um dote que seja redondinho para poder ainda mais figurar na sociedade.

GUSTAVO

Lá quanto a isto não digo que não; mas quero antes de

tudo uma mulher que me agrada, e que seja um conjuncto de perfeições.

PORPHYRIO

Será ouro sobre azul. Tenho justamente com que satisfazel-o; quero propôr-lhe um negocio vantajosissimo. (*Pucha-o de parte em quanto os outros conversam entre si*). E' a filha de um proprietario, ... dote: duzentos contos!

GUSTAVO

E a idade?.... e o mais?

PORPHYRIO

E pela morte dos paes: quatrocentos contos.... um milhão!

GUSTAVO

Mas....

PORPHYRIO

E ainda se podem depositar algumas esperanças na morte de um tio velho e asthmatico. Depois temos a filha de um coronel reformado.... muita gloria e pouco dinheiro.... como quem diz:—muita parra e pouca uva.—Ah! mas a outra é muito melhor partido. Em terceiro lugar....

GUSTAVO

Basta!

PORPHYRIO

A filha de um vendelhão, que....

GUSTAVO

Basta, ja disse. Não conheço nenhuma d'ellas.

PORPHYRIO

E para que? Basta que conheça o dote que cada uma deve trazer.

GUSTAVO

Com effeito!

PORPHYRIO

Ha tempo de sobra para se conhecerem depois do casamento; . . . e até acho que para mais moralidade as cousas deviam sempre passar-se assim.

GUSTAVO

Tanto peor, meu charo senhor, tanto peor! E' uma vergonha, com que nunca pactuarei! Não acho expressões bastante energicas para estigmatizar a intervenção do calculo em assumptos do coração. E estimo déveras todas as contrariedades e decepções, que sempre apparecem aos que seguem tão estúpida norma de proceder. Não ha casamento que não tenha seus dias aziagos, assim como não ha estrada, por melhor que seja, que não tenha seus pedaços de máo caminho; mas quando ha o amor de permeio, os casados sempre se lembram dos tempos que precederam á sua união, e estas doces recordações que o coração guarda e conserva, sobrevivem ao amor como um longo crepusculo de pallida e poetica luz.

PORPHYRIO

Tudo isto é muito bom em theoría, mas na pratica . . .

GUSTAVO

Na pratica, meu rico amigo, ver sempre diante de si

. . . sempre . . . sempre . . . até a morte! . . . uma mulher a quem se encara com repugnancia . . . a quem se falla com esfoço; importuna . . . contraria á nossos gostos . . . e até cujas boas qualidades tem a arte de nos desagradar . . . é o peor dos captiveiros! E a viver por este preço em um palacio real prefiro habitar uma choupana, só e pobre; mas livre, senhor da minha pessoa, e amante de minha mulher.

PORPHYRIO

O senhor ainda é muito moço; . . . um dia hade calcular melhor!

GUSTAVO

Para pensar como velho, espero que a idade chegue. Moço, como sou não vendo minha mão, nem minhas affeições, . . . não me casarei senão para estimar minha mulher . . . e para me casar não considerarei o dote que ella tem, mas as virtudes que a adornam.

SCENA II

Os mesmos e Eduardo

EDUARDO

(*Que tem entrado durante a fallta ultima*). — Muito bem, Gustavo!... Toca!... E's um homem de bem! (*Aperla-lhe a mão*).

GUSTAVO

Esperava-te ha muito; e com que impaciencia!

EDUARDO

Estive muito occupado; e de mais bem sabes que eu sempre digo que nunca se espere por mim.

GUSTAVO

(*Aos amigos*). — Apresento-lhes, meus senhores, um grande philosopho que segue a eschola do bom senso, e despréza a rotina; não se poupa a nenhum sacrificio, por mais arduo que seja, para obzequiar um amigo; e não é homem de meios favores, quando os faz. fal-os inteiros,... mas quando se trata das exigencias sociaes.... nada pôde domar seu genio misanthropo!

EDUARDO

A liberdade, charo Gustavo, é o supremo bem. Nada devo á sociedade, assim ella nada tem a esperar de mim.

HENRIQUE

Até certo ponto approvo seu modo de pensar. Julgo, todavia, que ha certos deveres, a que todos somos obrigados.

Quando se é convidado, por exemplo, para jantar em alguma casa, devemos nos mostrar gratos a esta delicadeza.

EDUARDO

Eu janto onde me apraz e não onde me convidam.

FLORENTINO

Mas ao menos concorda que se deve pagar as visitas.... dar parabens....

EDUARDO

De modo nenhum!

MARINHO

E quando recebe alguma carta?

EDUARDO

Atiro-a para um canto, e nunca respondo.

MARINHO

O senhor graceja certamente.

EDUARDO

Nunca fallei tão serio! Não posso admitir que um vadio me obrigue a responder ás suas sandices. Minha vida é muito occupada, e eu não posso sacrificar uma só de minhas poucas horas de ocio em cousas, que nada valem.

HENRIQUE

E em que prefere empregal-as?

EDUARDO

Admirando a natureza e as artes. Sou capaz de levar

um dia inteiro extasiado diante de um bello quadro;... aprecio a musica, que me inspira suaves commoções ou me desperta pensamentos generosos;... gósto de embeber-me na leitura de meus autores predilectos;... e quando o tempo está lindo, em um d'estes dias em que Deus parece sorrir ao mundo, apraz-me ir ao campo contemplar como a côr verde das folhas se casa com o limpido azul dos céos. Não posso, portanto, privar-me d'esses innocentes prazeres para escrever cartas, só porque um imbecil tem a mania de rabiscar papel!

HENRIQUE

Mas creio que a sociedade tem certas exigencias, que...

EDUARDO

E o que chama o senhor exigencias sociaes? Será a obrigação de ir á casa de pessoas que apenas se conhece, trocar sem interesse algumas palavras banaes?... Para mim nada ha mais ridiculo do que andar um homem de relógio em punho para não faltar a uma entrevista!... arrancar-se a seu pesar d'onde está á sua vontade... abandonar a familia... largar a pagina começada... e a poltrona acolchoada onde adormece o pensamento... para se ataviar... suar em bicas para encaixar as mãos n'um par de luvas de pellica... afim de apresentar-se decente em duas casas, uma na Barra, outra em Itapagipe... sendo-lhe até preciso correr de casaca atraz dos *bonds*. Em summa, meus senhores, esta vida será muito boa para os queridos da fortuna, que não teem em que gastar seus rendimentos; mas eu que não os tenho, não a invejo. Não tenho como os senhores creados nem lacaios; eu mesmo faço os meus recados e engraiço as minhas botas;... o que, aliás, me é agradável

porque estou livre de ter quem me róa o fato... o dinheiro... os moveis... e até os cavallos, se os tivesse;... e isto sem o menor gosto para mim, e sem que ao menos se me agradecesse. E o dinheiro que seria preciso gastar!

GUSTAVO

E's um pouco exagerado, Eduardo. Estas despezas não vão tão longe como pensas; e cre que todos podem com uma certa economia...

EDUARDO

Oh! tudo parece facil a quem tem para gastar!... mas aquelles, cujo orçamento tem pouca verba, é que sabem quanto custa puchar pelos cordões da bolsa. Sou pobre... muito pobre até, e no entanto vivo satisfeito, porque, vivo como devo. Não quero que me lastimem, porque, convençam-se de uma triste verdade, a peor pobreza é aquella que se vê obrigada a apresentar-se nos salões aristocraticos, encadernada n'uma casaca preta e com uma gravata branca, sem ter tido muitas vezes o que comer n'aquelle dia!

GUSTAVO

Pois bem! Faze o que quizeres, Eduardo; podes tornar-te invisivel a todos, contanto que não o sejas para mim.

FLORENTINO

Adeus, Gustavo, até a vista.

TODOS

Nós tambem vamos.

HENRIQUE

(*Voltando da porta*).—Olha que amanha venho jantar somtigo... não te esqueças das ostras. (*Sahe*).

SCENA III

Eduardo e Gustavo

(*Entra um criado trazendo uma quantidade enorme de cartas, albuns e cartões de visita, que colloca em uma meza a direita e sahe*).

EDUARDO

Irribus ! que avalanche !

GUSTAVO

(*Sentando-se ao pé da meza e lendo os cartões de visitas*).
— « Illm. senhor. Tomo a liberdade de lembrar a sua ama a promessa, e remetto-lhe o meu album, onde achará produções de nossos melhores poetas como Augusto de Mendonça, Castro Alves e Agrario de Menezes; só falta o nome de V. S. que como vê ficará na companhia de seus iguaes. Peço mais. . . »

EDUARDO

Oh ! é da maior insolencia !

GUSTAVO

Como assim ? !

EDUARDO

Teus iguaes ! Pois não sabes que o elogio immerecido degenera em vituperio ? Tu rimas tua quadrinha de pé quebrado, e tens ás vezes alguma inspiração. . . . convenio. Mas comparar-te com estes tres vultos é insultal-os e a ti tambem. A lisonja, meu charo, dizia um philosopho, avilta quem a pratica e amesquinha quem a recebe.

GUSTAVO

E' defeito de que ninguem te pôde acensar, e esta justiça to faço eu. (*Continuando a ler*) « Peço mais que se digne honrar-nos com a sua presença em nossa casa do Rio Vermelho, onde nos achamos actualmente. (*Lendo outro*) Rufino José Fernandes e sua senhora convidam ao Illm. Sr. Gustavo Antonio de Amorim para uma soirée, etc etc: (*Outro*) Anastacio Medeiros e sua senhora teem a subida honra de convidar o Exm. Sr. Gustavo Antonio de Amorim para jantar em sua casa, etc. (*Outro*). Leonardo Teixeira e sua mulher. . . »

EDUARDO

Tudo isto quer dizer: — filhas para casar ! Farejam em ti a massa de um bom genro. Cautela, meu amigo !. . . e tento na boia !

GUSTAVO

Não me aprêso; heide escolher com todo o vagar.

EDUARDO

E' escolher bem que o podes fazer. E's um felisardo ! Não ha pae de familia n'esta cidade e dez leguas ao redor, que não se julgue feliz em dar-te uma filha em casamento; . . . és rico, desinteressado e tiveste uma educação esmerada. Realmente é para louvar a Deus, os favores da sorte recahirem em quem tanto os merece.

GUSTAVO

Mas isto é levar o pessimismo muito longe. O que a tua amisade julga ver em mim é a cousa mais commum do mundo. Conheço milhares de pessoas ricas, que entre-

tanto são affaveis... generosas... instruidas... honradas... sempre promptas a socorrer os necessitados... não se poupando a sacrificios para...

EDUARDO

Jesus! Santo Deus! Este mundo que descreves é o mundo da lua!

GUSTAVO

Não devemos ser exagerados;...nem transportar para os nossos salões os melodramas da eschola antiga, em que sempre se viam pobres cheios de virtudes em face de ricos infames e avarentos.

EDUARDO

Vês tudo por um prisma côr de rosa.

GUSTAVO

E tu por um outro côr de cinza. (*Levantando-se indo a elle*). Olha, meu charo, a pobreza de que tantos se queixam, é quasi sempre mais por culpa do individuo do que da sorte. Com boa vontade e perseverança tudo se consegue; e se sômos a contar... (*Entra um creado*).

CREADO

Está lá fora um sujeito que procura pelo senhor, e deu-me este cartão.

GUSTAVO

(*Lendo*).—Rodolpho Bezerra. Manda-o embora e fica sabendo que para este homem nunca estou em casa. (*O creado sahe*).

EDUARDO

Extranha maneira de receber visitas!

GUSTAVO

Um miseravel!...

EDUARDO

Ah! n'esse caso... E o que fez elle?

GUSTAVO

Este patife escreve com dous nomes suppostos a favor e contra o governo!

EDUARDO

Só por isso?... Pobre rapaz!... A que se vê reduzido, coitado!

GUSTAVO

Como?! Pois não ficas indignado de tal procedimento?!

EDUARDO

E' mal feito, lá isso é. Mas talvez tenha que sustentar mulher e filhos.

GUSTAVO

E ainda o lastimas!

EDUARDO

Sem duvida e de todo o meu coração. Pois não é um desgraçado um homem, talvez intelligente, que se vê obrigado pela falta de meios a commetter uma infamia?

GUSTAVO

Se é intelligente, tanto mais o accuso. Não admitto que a necessidade obrigue um homem a...

EDUARDO

De accordo. Mas, meu amigo, quando não se tem nada... absolutamente nada, e vê-se logo pela manhan um filho a chorar pedindo pão, é preciso que um pae seja muito honrado, para continuar a sê-lo. Lucta-se por algum tempo... mas a coragem vac faltando... o forte vacilla e a final cahe... o fraco, esse succumbe logo.

GUSTAVO

O que, Eduardo?!... Pois queres tomar a defeza d'aquelle velhaco, tu sempre tão escrupuloso em pontos de honra?

EDUARDO

Mas julgo que os infelizes merecem toda a nossa indulgencia,... que devemos attender aos esforços da lucta e que mesmo censurando os que cahem, é nossa obrigação amparal-os na sua queda!

GUSTAVO

Pois cá entendo que as privações,... a pobreza... a fome mesmo... não desculpam nunca uma acção menos digna; pelo contrario, devem ser um incentivo á coragem e ao trabalho! A virtude tem seus prazeres tambem,... são amargos, não nego; mas em todo o caso sempre são prazeres!

EDUARDO

Isto é facil de dizer! Fallas assim porque és rico;... mas pede a Deus que nunca te faltem os meios de subsistencia.

GUSTAVO

Saberia ser pobre; e até teria orgulho n'isso.

EDUARDO

E' possível; creio porque te conheço. Mas quantos me apontas tu que passando de repente do luxo á miseria continuariam a ser dignos da estima dos homens de bem? Não ha niuguem, que, por hypothese, não arroste a necessidade!... Todos se acham com forças para combater um mal que não sentem!... Mas do dizer para o fazer a distancia é grande!... Gosto de ouvir esses Catões, cuja prohibade não os priva de nada!... E' tão facil proceder bem quando se tem tudo o que se deseja!... Nestas condicções é preciso que um homem seja muito tolo para não ser honrado. As circumstancias em que o homem nasceo que o tem acompanhado durante a sua vida devem condemnal o ou absolvel-o. Ha pessoas que occupam as mais elevadas posições... que são festejadas na melhor sociedade, e que entretanto estariam na calceta, se tivessem nascido pobres!... ao emvez d'isto ha muita gente em Fernando de Noronha, que se tivesse nascido rica, seria a honra da familia e a gloria da patria!

GUSTAVO

Mas onde queres chegar com isto? Não crês que existam homens de bem?... Pretenderás, como aquelle austero republicano da antiguidade, dizer que a virtude é um nome vão?!

EDUARDO

Certamente que não. Ha homens de bem, poucos... porém ha. Mas é preciso que nos entendamos sobre o valor do termo. Por exemplo, tu mesmo, que me contestas, pareces um desses poucos...

GUSTAVO

Eu ?!

EDUARDO

Tu, sim. Teu coração é nobre e cheio de entusiasmo;... a hora sempre achou em ti um defensor acerrimo;.... a covardia te irrita, uma acção generosa te encanta;.... e não poupas então o louvor ou a censura!.... Enfim conheço teus elevados sentimentos. Pois bem, queres que te diga?... Não deito a mão no fogo pela tua probidade!

GUSTAVO

Que queres dizer?

EDUARDO

Que preciso de provas. Não ha victoria sem combate, e tu nem ao menos entraste ainda em uma simples escaramuça para sabires victorioso. Affianças a tua virtude... mas para teres esta certeza, diz-me: ja sentiste mesmo de longe os horrores da fome?... Ja tiveste uma esposa ou uma mãe gemendo n'um leito de dores, sem remedios, e sem diéta?... Tens filhos, que nós e descalços... tiritando de frio, te peçam em prantos o pão quotidiano?... Ah! tu não avalias o que então o desespero aconselha ao pobre n'essas longas noutes em que o pensamento não dorme!... Nunca viste como elle febricitante, um demonio sentar-se á tua cabeceira e comparando tua vida miseravel, com a opulencia de outros, que nada valem, introduzir em tua alma já abatida o despeito e a inveja!... Estas comparações inoculam no coração um veneno rapido e corrosivo; e só aquelles que resistirem á sua acção malefica podem gabar-se com orgulho de uma probidade certa!... Mas eu não respondo, meu

charo, pela victoria antes do combate. Só se deve glorificar a quem a lucta engrandece, e o infortunio fortifica!

GUSTAVO

Por Deus! Com todas as forças da minha alma appello para o combate!.... Desejava ficar de repente pobre como Job para poder mostrar-te....

EDUARDO

Deixa-te de bravatas!.... Dorme tranquillo no leito dourado em que a fortuna te embala;.... e não queiras experimentar a sorte adversa!

GUSTAVO

Mas queria confundir-te, teimoso de uma figa!

EDUARDO

Acho melhor gosares de teus bens, meu charo Gustavo. Este systema é mais seguro e sobre tudo mais commodo.

GUSTAVO

Goso sem prazer... e agora até os aborreço.

EDUARDO

Só se dá valor aquillo que não se tem

GUSTAVO

Então julgas-me um cobarde sem valor para lutar, e sem forças para vencer?

EDUARDO

Não. Julgo que aceitarias a pobreza com o coração alegre;.... mas depois vinha a reflexão e mais tarde o arrependimento.

GUSTAVO

Para dar-me animo teria o meu orgulho!... e se não bastasse teria a estima publica.

EDUARDO

Oh! a estima publica!... Ella se manifesta sempre e somente pelos que teem;... segue o vencedor e abandona os vencidos! Imagina um homem sem fé... que atração sua palavra... que habil em formular prospectos mentirosos seja o mais velhaco dos banqueiros... que se locuplete á custa dos que n'elle confiam, e que quando se veja tres vezes millionario, dê-se por fallido;... ao passo que os accionistas ficam esmolando, ou vão morrer na enxerga do hospital!... Imagina um outro astucioso... servil... bajulador... que assim que a politica se muda tambem muda de *convicções*... e que para não privar o paiz do seu grande saber, adianta-se como a serpente, que só póde andar de rastos, até que chega a ter assento nos conselhos da corôa... e responde-me de que modo os trata o que tu chamas—a estima publica!—Elles são ricos!... são poderosos!... são influentes! E' quanto basta!... Ninguém descobre vestigios de lama no ouro de suas moedas, nem que seus diamantes são lagrymas cristalisadas!... Seus salões serão sempre frequentados, e sua amisade tida por uma grande honraria!... Se a seu respeito circulam mãos boatos... são échos da calumnia!... o homem rico e o poderoso sempre são victimas da maledicencia!... Vejamos agora o reverso da medalha:..... um individuo pobre, mas honesto.... que quer dever tudo ao merito e nada ao favor.. ou que collocado na alternativa de perder o emprego ou a honra, prefere ficar sem aquelle que lhe dava o sustento para conservar esta pura e immaculada;... o que acontece?...

Quando muito lhe dirigem algumas palavras de estima e commiseração... e depois ninguem mais se lembra da nobreza de sua alma... e elle ali fica pobre.... inutilisado e repellido por todos. E então que se guarde de commetter a menor fraqueza... porque hade ouvir levantar-se um brado geral de indignação, e ver fechar-se-lhe na cara toda a porta a que bater!

GUSTAVO

Estás ficando um moralista de força!

EDUARDO

• Talvez já te esteja aborrecendo; pois então adeus!... Quando te tornarei a ver?

GUSTAVO

D'aqui ha cinco ou seis mezes.

EDUARDO

Oh! porque?

GUSTAVO

Meu medico aconselha-me que faça uma viagem.

EDUARDO

E para onde é o passeio?

GUSTAVO

Não sei ainda. Para o sul... Rio de Janeiro... S. Paulo... e talvez Montevidéo.

EDUARDO

Então...bôa viagem!

GUSTAVO

Quando voltar, continuaremos esta conversa.

EDUARDO

Da melhor vontade.

GUSTAVO

Hei de convencer-te de que és um pintor da escola flamenga... que carregas de mais as sombras do quadro;... que ha muitas cousas, como a arte... o talento... a gloria... o amor... que resplandecem com o mais vivo brilho sem que nada devam ao ouro!... que a belleza da mulher é uma rainha soberana que impera por si mesma sobre os nossos corações.

EDUARDO

Até n'isto! O dote empresta encantos á fealdade... e a formosura sem dote é difficil de casar.

GUSTAVO

Que grande pessimista!

EDUARDO

Bem!... Adeus!

GUSTAVO

Até a volta!

EDUARDO

Bôa Viagem! (*Chegando á porta do fundo, volta e diz em tom prophético*) E sobretudo guarda bem o teu dinheiro!
(*Take o panno*).

ACTO II

Sala de espera em casa de um tabellião. Porta no fundo abrindo para uma antecâmara. Duas á direita, abrindo uma para o cartorio, outra para um gabinete particular.

SCENA I

• *Gervasio, sentado a uma meza tendo jornaes e um escrevente que entra.*

GERVASIO

O que ha?

ESCREVENTE

Dous dos credores já estão ahí e procuram pelo senhor.

GERVASIO

Se só estão dous, que esperem. Os outros não podem tardar; quando estiverem todos, venha-me avisar. (*Sahe o escrevente e entram Meirelles e as duas filhas.*)

SCENA II

O mesmo, Meirelles, Adelia e Elisa

MEIRELLES

Respetabilissimo notario, aqui estamos, eu e toda a

minha familia: viemos, eu pelo senhor, e as meninas por sua filha. Deixemol-as tagarellarem á sua vontade, e vamos ao gabinete, pois preciso fallar-lhe em particular.

GERVASIO

Que pena!... Minha filha foi passar o dia nos Afflictos com a madrinha. Como ficará sentida quando souber, e como ficaria contente se aqui estivesse. (*A Meirelles.*) Queira esperar um pouco... vou conduzil-as á sala.

MEIRELLES

(*Dando-lhe o braço*) Não... não vale a pena. Ellas ficam aqui mesmo... o que tenho a dizer-lhe é breve. *Entra com Gervasio no gabinete.*

SCENA III

Adelia e Elisa

ELISA

Não era melhor que tivéssemos ficado em casa?... que te parece?... quando elles começam a conversar, não tem vontade de acabar.

ADELIA

(*Sentando-se*) Meu pae quiz que nós viessemos...

ELISA

Nunca esta querida irman sabe dizer que não!... Has de ser uma boa mulher para teu futuro marido. (*Arremedando-a.*) E' assim que o senhor quer?... Seja feita a vossa vontade.

ADELIA

Que queres?... Tenho o espirito fraco e indolente, e nunca terei animo de contrariar ninguem.

ELISA

Desculpa, maninha; é que estou aborrecida... quando espero, desespero;... e é preciso bulir com algum para poder passar o tempo. (*Senta-se junto de Adelia.*)

ADELIA

Achas então que deves divertir-te comigo? Paciencia!... Mas vejo aqui muitas cousas que podem distrahir-te... olha... (*Folheando os papeis que estão sobre a meza junto a qual está sentada.*) Tens aqui o almanach, o codigo... annuncios de leilões... compras e vendas de casas...

ELISA

• Obrigada. Felizmente possuo um grande segredo contra o aborrecimento... com elle posso entreter-me e a ti tambem.

ADELIA

A' mim?... como?

ELISA

Fallando-te *d'elle*...

ADELIA

D'elle... quem?

ELISA

Ora é boa!... De Gustavo.

ADELIA

(*Chegando mais a cadeira.*) D'elle, ou de outro qualquer... para mim é indifferente.

ELISA

Oh! pois não, minha sonsinha!... E tanto é assim que nós

... por acaso já se sabe... sempre o encontramos nos nossos passeios.

ADELIA

E o que denota isso?

ELISA

Nada. Notei também que elle é de uma extrema delicadeza para conosco.

ADELIA

Não ha nada mais natural... uma vez que é amigo de meu pae.

ELISA

E' verdade. E elle aprecia muito as conversas massafites de meu pae!... e pensa de um modo tão sympathico com o velho que estão sempre de accordo.

ADELIA

Querias então que elle pensasse de um modo contrario somente para questionar?

ELISA

Quem, eu?... Não quero nada... absolutamente nada. Depois que chegou do Rio de Janeiro vem sempre visitar-nos duas ou tres vezes por semana....

ADELIA

Com que fim julgas tu que elle vae á nossa casa?

ELISA

Posso lá saber?!... Duas moças, uma com dezoito, outra com vinte annos, não são feias de espantar... um rapaz elegante frequenta assiduamente a casa d'ellas... está

claro que não é senão para conversar sobre a chuva e o bom tempo, ou então para discutir politica transcendente.

ADELIA

Mas... mesmo dado o caso que elle vá por alguma de nós, porque hade ser por mim, e não por ti?

ELISA

Deixa-te de fingimentos que não os deves ter commigo... Não sou nenhuma creança, e tenho notado ha muito tempo certos indicios, que....

ADELIA

• Indicios?!... quaes são elles?

ELISA

Para que?... podes te zangar....

ADELIA

Não!.... falla....

ELISA

Creio que vem alguém....

ADELIA

Ninguem. Acaba....

ELISA

Pois lá vae. Quando não estás na sala, elle fica triste e pensativo;... pouco falla, e seu olhar não tem expressão; mas apenas ouve algum ruido de passos, lança para a porta um rapido olhar. Se não és tu, faz pena ver a tristeza de sua physionomia;... mas se és tu quem apparece, seu sem-

blante se expande e um raio de felicidade brilha em seus olhos!

ADELIA

Mas é contigo que elle conversa....

ELISA

Mas é para ti que elle olha. Eu saio, entro, ando pela sala.... e elle não dá o menor cavaco.

ADELIA

Mas é junto de ti que elle se senta.

ELISA

E é para ti que elle se volta.

ADELIA

E' por tua causa que elle vae lá.... estou bem certa d'isto.

ELISA

E é pela tua que se demora.

ADELIA

Julgas?

ELISA

Tenho toda a certeza.

ADELIA

Devéras?

ELISA

Palavra de honra.

ADELIA

Não estás caçoando comigo?

ELISA

Fello-te muito seriamente.

ADELIA

Pois bem!.... eu ja suspeitava....

ELISA

Ab! velhaquinha!

ADELIA

Mas não ousava crer em tanta felicidade!

ELISA

E porque não?... Vamos.... abraça-me!.... Eu gozo da tua felicidade tanto quanto tu mesmo.

ADELIA

Não achas, maninha, que elle traja bem?

ELISA

Com toda a elegancia!

ADELIA

Que tem maneiras delicadas.... e que discute muito bem sobre varios assumptos?

ELISA

E' um perfeito cavalheiro.... e além d'isto muito intelligente e instruido.

ADELIA

Tens notado como seus modos são meigos?

ELISA

Pois não!

ADELIA

Aposto que tem bom coração e que fará a felicidade da mulher, com quem se casar.

ELISA

A tua, deves dizer.

ADELIA

Mas, meu Deus!... Achas que meu pae consintirá?

ELISA

Sem duvida!... Gustavo é rico, e possui excellentes qualidades. Além d'isto meu pae o vê com bons olhos... e não é sem alguma intenção que faz tão bom acolhimento.

ADELIA

Deus queira! Mas não sei porque aguardo o futuro cheia de sobresaltos. Se meu pae não consentir, sugoitar-me-hei sem fazer a mais pequenina queixa;... saberei soffocar os votos do meu coração, se não forem abençoados por aquelle a quem devo a vida.

ELISA

São sentimentos muito louvaveis, mas que não se coadunam com o meu genio.

ADELIA

Acaso não obedeceras?

ELISA

Lá quanto a obedecer... que remedio?... mas não havia de ser sem murmurar;... havia de gritar... e muito Mas deixemos idéas tristes!... Gustavo te ama e has de

ser sua mulher.... e isto muito breve. Com que gosto heide ler n'um certo jornal: (*Finge que lê*) « Realizou-se hontem o consorcio de nosso distincto amigo o Illm. Sr. Gustavo Antonio de Amorim com a Exma. Sra. D. Adelia Augusta de Meirelles, filha do nosso presado amigo o Exm. Sr. Miguel Archangelo de Meirelles. Desejamos aos noivos uma eterna lua de mel.» E d'ahi a menos de um anno o mesmo jornal annunciando o nascimento de um robusto *bambino*, ou de uma linda *ragazza*.

ADELIA

Louquinha!... Estás sempre disposta a rir.

ELISA

Silencio! Ah! vem meu pae!

SCENA IV

As mesmas, Meirelles, e Gervasio

MEIRELLES

Obrigado, meu charo Sr. Gervasio. Com que, então, posso ficar descaçado de que Gustavo possui ainda uma fortuna bem regular?

GERVASIO

Toda a herança materna... duzentos contos de réis.

MEIRELLES

Suppunha que elle tivesse o triplo, mas enfim... contento-me com isto. Com este capital já se pode viver com decencia;... e eu não sou homem que ligue importancia ao dinheiro. O que eu colloco acima de tudo é um nome honrado,

GERVASIO

Pensa como um homem de bem.

MEIRELLES

Juntei alguns capitaes muito licitamente... e por isso sou muito considerado na roda em que vivo; já fui duas vezes eleito juiz de paz na minha freguezia...

GERVASIO

Foi uma escolha muito acertada.

MEIRELLES

Cheguei a major do meu batalhão na antiga guarda nacional... e por um favor talvez imerecido fui agraciado, sem pedir, com a commenda da Ordem da Rosa.

GERVASIO

Foi porque o governo achou-o digno de tal distincção.

MEIRELLES

Eis porque desejo para meu genro um homem tão de bem como eu. E se constar que elle alguma vez deixou de obedecer aos dictames da honra, desmancho o casamento até na porta da igreja.

GERVASIO

Mas creio que não podia escolher melhor

MEIRELLES

Tambem o creio. (*Mostrando as filhas.*) Mas não fallemos diante d'ellas;... vou leval-as á casa e voltarei para arranjarmos o contracto de arrhas.

GERVASIO

Sempre ao seu dispôr.

MEIRELLES

D'aqui a uma hora.

GERVASIO

Quando quizer.

SCENA V

Os mesmos e Gustavo

GUSTAVO

As senhoras por aqui!

ELISA

E' verdade, Sr. Gustavo;... somos duas famosas demandistas.

GUSTAVO

(*Sorrindo*) Não de vencer por força!

MEIRELLES

Bom dia, charo amigo. Demora-se por cá?

GUSTAVO

Vinha consultar com o Sr. Gervasio alguns negocios importantes.

MEIRELLES

Muito bem!... Consulte... traga sempre os seus negocios em dia que é um excellente habito. Como demora-se...

ainda o hei de encontrar, porque volto já. Até logo, meu charo Gustavo. (*Aperta a mão.*)

ELISA

Appareça, Sr. Gustavo, ... não se venda tão caro. (*Gustavo comprimenta, Meirelles sahe com as filhas.*)

SCENA VI

Gustavo e Gervasio

GERVASIO

Queira sentar-se.

GUSTAVO

(*Sentando-se*) Obrigado. Recebi seu convite e vim imediatamente.

GERVASIO

E' para uma reunião a que o Sr. deve assistir. Crejo que sabe do que se trata.

GUSTAVO

Muito pelo alto.

GERVASIO

Mas... desculpe, meu amigo;... o Sr. devia dar mais importancia a seus negocios.

GUSTAVO

Concordo. Mas meu pae depositava tanta confiança no Sr.... e fallou-me tantas vezes na sua probidade.

GERVASIO

Favres d'aquelle bom amigo...

GUSTAVO

Quando elle morreo, achava-me eu em Montevidéo; e desde então nunca mais tive cartas da Bahia. Chegando ha pouco tempo, ainda não tive precisão de dinheiro, e por isso...

GERVASIO

Seu pae era um homem de bem ás direitas!... e eu senti a sua morte immensamente!

GUSTAVO

• Obrigado. Quanto aos processos complicados que uma horança exige... confesso que nada sei;... mas confio no senhor... estão entregues em boas mãos. Todavia reconheço que devo pedir-lhe algumas informações, para saber em que estado se acham os meus bens.

GERVASIO

E' com grande pezar que vou ministrar-lhe estas informações. Seu pae envolveo-se nos ultimos annos de sua vida em grandes empresas, das quaes esperava auferir immensos lucros, mas que todas falharam por circumstancias imprevisas. O naufragio do ultimo navio que lhe restava deixou-o completamente arruinado. Morreo pobre, legando um nome sem mancha e um passivo de cerca de duzentos contos.

GUSTAVO

Meu pobre pae!... E estas dividas são legaes?

GERVASIO

São; eu mesmo verifiquei os titulos. Como sabe, estou

à espera dos credores, que não tardão, trazendo os seus documentos.

GUSTAVO

Desejo entender-me com elles.

GERVASIO

Sua herança materna está intacta... e o senhor pode reconhecer ou negar as dividas.

GUSTAVO

Muito bem! No caso em que as negue...

GERVASIO

Nada fica devendo, e guarda para si uma fortuna ainda bem soffrivel.

GUSTAVO

Mas quem pagará as dividas do meu pae?

GERVASIO

Ninguem as pagará.

GUSTAVO

Logo... hade ficar expoliado do que lhe pertence quem se fiou na honra de meu pae!

GERVASIO

Que se hade fazer? Tanto peor para os agiotas... são precalços do officio;... quem empresta com juros tão exorbitantes deve sugeitar-se ás eventualidades.

GUSTAVO

E a lei consente que um filho deixe o nome de seu pae manchado por um opprobrio eterno?!

GERVASIO

A lei permite que o filho faça o que entender. O caso é este: existe em meu cartorio uma escriptura de arrhas, pela qual seu pae dotou a senhora sua mãe, antes do casamento, com a quantia de duzentos contos;...este dinheiro, por morte d'ella, é todo seu como filho unico, e não está sugeito a onus algum. Se o Sr. não reconhecer as dividas, fica possuidor...licitamente...de uma fortuna invejavel,...e ninguem lhe pode censurar seu acto;...se, porem, quizer responsabilisar-se pelo passivo da casa, ficará completamente pobre.

GUSTAVO

Mas tambem o nome de meu pae ficará completamente limpo de toda a mancha!

GERVASIO

Isto merece que o Sr. considere.

GUSTAVO

Está tudo considerado:—Acceito as dividas!

GERVASIO

Muito bem!...O Sr. acaba de conquistar toda a minha estima, e eu não quero contrariar tão sagrado rasgo de generosidade! Comtudo julgo de meu dever,...não como tabelião, mas como mais velho e amigo de seu pae, esclarecel-o sobre certos pontos...O Sr. vae ficar sem nada!

GUSTAVO

Engana-se, Sr. Gervasio. Fico com a consciencia do haver cumprido o meu dever e com a coragem de ganhar a minha vida! Vou trabalhar pelos meus pinceis... e espero em Deus não morrer de fome.

GERVASIO

Não ponho em duvida nem a sua coragem nem o seu talento... mas tome sentido, meu amigo: ao Sr. habituado ao luxo e ás commodidades da vida hade ser ainda mais doloroso encarar o espectro implacavel da miseria a estender-lhe as garras aguçadas.

GUSTAVO

Contra elle possúo um talisman:—é a força da vontade!... O trabalho não me assusta, e as privações... desejo-as, porque é no crysol do infortunio que o character se sublima!

GERVASIO

Basta!... Seria indiscreção continuar a insistir. Peço-lhe apenas que veja no meu procedimento a prova de uma profunda amisade.

GUSTAVO

(Apertando-lhe a mão).— E' o unico bem que quero guardar da herança de meus paes!

GERVASIO

Se é um bem, affianço-lhe que esse o senhor nunca o perderá.

ESCREVENTE

(Entrando).—Ja estão ahí os credores todos.

CERVASIO

Manda-os entrarem para aqui, e diga-lhes que ja venho. *(A' Gustavo)* O senhor venha comigo... vamos examinar quanto cabe a cada um. *(Entra ^{corra} elle no gabinete.)*

SCENA VII

Timotheo, Andrade, Raymundo, Evaristo e Gabriella; uns sentam-se, outros ficam passeando. O escrevente os introduz e depois sahe.

RAYMUNDO

• Não é nada, não! Perco dez contos de réis que me fazem bastante falta!

ANDRADE

E eu?!... Vinte contos!

RAYMUNDO

Dez... fóra os juro, que são tres vezes mais.

ANDRADE

E eu?... Vinte contos, senhor Raymundo!... Vinte contos!

RAYMUNDO

Já é uma somma soffrivel...

ANDRADE

Mas se hei de sempre ser victima de meu bom coração!

TIMOTHEO

Não sei como isto foi;... elle arrotava grandezas como um nababo!

Raymundo

Vinte propriedades de casas? Vinte propriedades de casas!

Andrade ANDRADE

Tres engenhos! Três engenhos!

Timothéo TIMOTHEO

Não sei quanto navios! ...

Andrade ANDRADE

Tudo ... receitas para os pobres credores!

Não passava de um super-talhão

Diz muito bem: um grande engenho! É boa? ...

quem não pode pagar não pede emprestado!

É muito malfeito abusar assim de nossa candeias-
de-não!

Eu emprestava-lhe o meu dinheiro somente para desequi-
lê-lo -
nunca levei mais do que vinte por cento
ao mês em frações de mês.

Dessas transações nunca as fiz. Agora posso pida tu
do
que não me importa ... enquanto ele foi vivo, empres-
tei-lhe sempre a cinquenta por cento!

Raymundo RAYMUNDO

Eu também explorei-o... como se explora uma
mina de carvão de pedra. Se o filho não me pagar,
eu nada perco.

Timothéo TIMOTHEO

Também emprestava-lhe a cinquenta por cento?

Veja agora quanto foi tolo

se pedisse!

O senhor está interagando a
classe! ... Faz mal a si e aos outros

Eu o filho quererei responsabilizar-se pelas dívidas
da pai?

Sou capaz de jurar que não. Hoje em dia não se
vê mais disto.

Mas é um desafeto... leis que garantam a
propriedade de homens de bem como nós.

Em todo o caso hei de levar a questão aos três
bunais!

Este mundo bem considerado?

EVARISTO

Efeitos da Constituição! Desde que esta praga se introduziu entre nós, tudo está mudado!... cada um pensa por si e faz o que lhe parece!... não ha mais religião, nem respeito aos velhos!... Querem até acabar com a escravatura!... De tudo isto o que resulta?... E' que emprestei meus trinta e cinco contos para receber cinquenta... no fim de seis mezes paga-me quarenta;... mas logo depois prega-me a peça de morrer... e quanto aos dez, que ainda faltam... adeus, minhas encomendas!

GABRIELLA

Acho graça nos senhores!...

EVARISTO

Heim?!... O que é que diz?...

GABRIELLA

Digo que acho graça em ouvi-los gemer d'esta forma que faz cortar o coração;... ao passo que eu sou quem mais perde, e estou calada.

RAYMUNDO

E a senhora quanto perde?

GABRIELLA

Dinheiro... perco pouco; mas esse pouco era o meu dote.

TODOS

Seu dote?!

GABRIELLA

Meu dote, sim. O que acham n'isto de espantar?

RAYMUNDO

Oh nada!... queira desculpar.

GABRIELLA

Acham-me de uma idade em que não se deve pensar mais em casamento?

EVARISTO

Não queremos dizer isto.

GABRIELLA

Quando eu era moça tinha alguns encantos mas não tinha fortuna,.... appareceram-me muitos apaixonados,.... mas nenhum marido. Depois quando ja era velha, tirei uma sorte da Trindade, e então disse com os meus colchetes:—« Bom! Agora com certeza não apparecem mais apaixonados... mas talvez appareça algum marido!» E fiquei sem uma coisa nem outra;.... sem sorte e sem marido;.... ou, como se diz, sem boi nem vaca.

EVARISTO

Ah! senhora, se eu tivesse alguns invernos menos, não ficaria sem tudo... alguma cousa teria em mim.

SCENA VIII

Os mesmos, Gervasio e Gustavo

GERVASIO

Meus senhores, aqui está o herdeiro que vem declarar-lhes a resolução que tomou.

RAYMUNDO

Silencio ! . . .

ANDRADE

Ouçamos !

Gustavo.

Meus senhores, reconheço por minhas as dividas do meu pae; e dou-lhes minha palavra de que não perdem um só real.

TODOS

Bravo ! . . . Muito bem !

GUSTAVO

Tenham a bondade de apresentar os titulos no dia do vencimento ao meu amigo o Sr. Gervasio, que os pagará integralmente.

TIMOTHEO

Que nobreza de coração !

ANDRADE

Que bom filho !

GABRIELLA

Que rapaz sympathico !

RAYMUNDO

E' o que se pode chamar um homem de bem ! (*A Gustavo*)
Meu charo senhor, permitta que lhe aperte a mão. (*Todos os credores cercam Gustavo e procuram apertar-lhe a mão*).

EVARISTO

Este rasgo de desinteresse reconcilia-me com a Constituição !

GABRIELLA

Sinto-me commovida ! . . . Este moço encherá de orgulho a mulher com quem se casar !

TIMOTHEO

Toda a vez que necessitar de um amigo . . .

ANDRADE

Quando estiver em algum apuro a minha bolsa e a minha firma . . .

RAYMUNDO

(*Atalhando*).—Peço-lhe que me dê sempre a preferencia...

GUSTAVO

Pagando o que meu pae lhes devia, não faço mais do que cumprir a minha obrigação; e não vejo motivo para tantos agradecimentos.

RAYMUNDO

Não nos podemos faltar de elogiar tanto desinteresse !

TIMOTHEO

E' realmente para admirar tanta probidade !

GABRIELLA

E tanto respeito pela memoria de um pae !

ANDRADE

Mas então é aqui o senhor, que está encarregado de fazer os pagamentos ?

GUSTAVO

Sim, senhor !

ANDRADE

E' que... a minha lettra... venceu-se hontem.

GUSTAVO

Pois pode apresental-a hoje... pagar-se-lia pelo dobro mais um dia de juros. (*Sahem todos fazendo grandes zumbaias a Gustavo*).

SCENA IX

Gustavo e Gervasio

GUSTAVO

Que transportes de gratidão!

GERVASIO

Não se fie n'elles, meu amigo! São falsos como Judas, e peiores que sanguessugas!

GUSTAVO

Sinto-me feliz!... Estou pobre; mas tenho a consciencia tranquilla e o coração satisfeito!

SCENA X

Os mesmos e Meirelles

MEIRELLES

Então charo amigo, ja arranjou os seus negocios?

GUSTAVO

Acabei de liquidal os agora mesmo.

MEIRELLES

N'esse caso conversemos um pouco.

GUSTAVO

Antes de tudo, Sr. Meirelles, devo-lhe uma rectificação:... hontem quando tive a honra de pedir a mão de sua filha, enganei-o involuntariamente quanto ao estado de minha fortuna;... é preciso que o senhor saiba que....

MEIRELLES

(*Atalhando*)—Ja sei. Seu pae foi infeliz nas suas especulações, e todo o activo de sua casa foi absorvido no pagamento de algumas dividas. Mas o dote de sua mãe está intacto, e como eu não sou ambicioso....

GUSTAVO

Mas, senhor....

MEIRELLES

(*Idem*)—Tive o cuidado de inspirar ás minhas filhas gostos singellos... e o desprezo do fausto e da ostentação!

GUSTAVO

Mas attenda a que....

MEIRELLES

(*Idem*)—Não tenho nada a que attender!... Creia que até estimo ter esta occasião para mostrar que não é a riqueza o que eu mais aprecio no mundo;... para mim ella nada vale comparada com a honra e o trabalho! A fortuna póde apparecer de um momento para outro a quem não tiver; mas a probidade e os bons sentimentos são innatos no coração, e só quem possuir estes dotes é verdadeiramente rico!

GUSTAVO

Ah! n'esse caso....

MEIRELLES

(*Idem*).—Nunca daria qualquer de minhas filhas a um homem, por mais rico que fosse, que tivesse no seu nome a mais pequenina nodoa. Ainda digo mais: se apparecessem dous pretendentes, um pobre mas com o nome limpo, e outro rico mas com uma honestidade duvidosa, eu não hesitaria na escolha. Preferia o homem sem dinheiro ao dinheiro sem homem!

GUSTAVO

Não sabe quanto me agrada o seu modo de pensar... tão nobres sentimentos reanimam as minhas esperanças! Sendo também a honra o que eu mais aprecio, resolvi tomar a mim as dividas de meu pae.

MEIRELLES

Espantado)—Que diz, Sr. Gustavo?!

GUSTAVO

Receiava que este passo me alienasse a sua amizade,.... peço-lhe, mil perdões por havel-o julgado injustamente. Vejo agora, que se procedesse de outra forma é que incorrerie no seu desagrado.

MEIRELLES

(*Sem dar-lhe attenção*).—Mas não foi por um contracto solemne....

GUSTAVO

Dei minha palavra de honra!.... Não pôde haver contrato mais solemne para um homem de bem!

MEIRELLES

Então a herança materna....

GUSTAVO

(*Sorrindo*).—Vae ser toda empregada no pagamento das dividas paternas.

MEIRELLES

Que imprudencia!

GUSTAVO

Não acha leal o meu procedimento?... Devia conservar uma nodoa no meu nome?

MEIRELLES

(*Mastigando as palavras*).—Não digo isso.... mas era preciso.... não andar tão depressa.... n'um caso d'estes consulta-se um amigo.... e depois então.... (*Aparte*) Duzentos contos pela janella fóra!

GERVASIO

Mas se elle não praticasse assim, seu nome ficaria des-honrado!

MEIRELLES

(*Aparte*).—Meio milhão que posto em gyro, por mim, podia quadruplicar!

GERVASIO

Ora.... que importa a riqueza comparada com a honra e o trabalho?... São palavras suas!

MEIRELLES

Não ha duvida!.... Porém....

GERVASIO

Não acha que elle praticou uma acção heroica?

MEIRELLES

E' com esses heroismos, que se vae acabar n'um hospicio!

GERVASIO

Queria então que elle defraudasse os credores de seu pae?

MEIRELLES

Não!... não é isso que quero dizer.

GUSTAVO

Deverei por esse motivo perder a doce esperanza que me alentava o coração?... Ou poderei ainda conseguir a felicidade suprema?

MEIRELLES

Sr. Gustavo, o seu pedido me é sobremodo honroso;.. mas casar uma filha.... o senhor comprehende.... é um assumpto delicado.... E' preciso reflectir!

GERVASIO

Ora Sr. Meirelles... ha pouco o senhor ja estava decidido!..... Não queira fazer-me suppôr que o senhor só aprecia a honradez na theoria, e que na pratica é um dos muitos adoradores do bezerro de ouro.

MEIRELLES

O senhor tem licença para suppôr o que quizer. Felizmente os meus sentimentos são bastante conhecidos,.... e eu estou muito acima dos hotes da calumnia!... Mas creio

que me assiste o direito de mostrar-me um pouco resentido por não haver sido consultado n'uma questão de tão grande monta. O procedimento do Sr. Gustavo elevou-o até muito no meu conceito!

GERVASIO

Ora, graças a Deus!... Nada se oppõe ao casamento.

MEIRELLES

Devagar, Sr. Gervasio!... Creio que devo ser juiz n'esta causa!... Conheço os meus deveres de pae de familia!... Não concedo, nem recuso a mão de minha filha... quero primeiro interrogal-a, para de modo nenhum violentar seu coração. De mais ella é muito creança ainda... mais tarde fallaremos. (*Friamente*).

Adeus, Sr. Gustavo... Seu creado, Sr. Gervasio. (*Sah.*)

SCENA XI

Gustavo e Gervasio

GUSTAVO

E então, meu amigo?

GERVASIO

Vejo o horizonte um pouco nublado.

GUSTAVO

Oh! meu Deus! (*Cabe sentado n'uma cadeira tapando o rosto com as mãos.*)

GERVASIO

Ora vamos!... Animo! Não ha motivo para se perderem as esperanças!. . . Elle não recusa, vacilla, apenas, e havemos de convencel-o!

SCENA XII

Os mesmos e Eduardo

EDUARDO

O que é isto? . . . o que ha de novo?

GERVASIO

E' o nosso amigo Gustavo que acaba de sacrificar a riqueza no altar da honra; e por esse motivo vê desvanecerem-se as suas esperanças de casamento!

Como?

EDUARDO

GUSTAVO

Responsabilizando-se pelas dividas do pae, vae empregar no pagamento d'ellas toda a herança materna; . . . ficando d'este modo reduzido . . . voluntariamente . . . á mais extrema pobreza!

EDUARDO

Coragem, amigo! . . . Levanta a fronte com altivez! . . . Praticaste uma acção, que hoje poucos praticariam; e talvez ninguém! Lembras-te de nossas conversas de out'ora? Eis-te pobre como desejavas! . . . Agora prova que sabes soffrer a miseria!

GUSTAVO

Não renego o meu passado, nem o sangue que me corre nas veias! . . . Hei de soffrer-a com resignação e honra!

EDUARDO

Conta commigo sempre a teu lado! A riqueza desapareceu, mas fica-te a amisade! . . . E quando ella é verdadeira, vale um thesouro tambem!

(Cala o panno).

ACTO III

Um rico salão em casa de Meirelles.

SCENA I

Eduardo e Meirelles entrão continuando uma conversação

EDUARDO

Lembras-te . . . de como as noutes, em que estavamos de guarda, passavam-se alegres e divertidas?

MEIRELLES

Já não me lembro mais d'isto.

EDUARDO

Bons tempos que não voltão mais! . . . O nosso batalhão de S. Pedro era o melhor de toda a guarda nacional! Lembrás-te d'aquelle anno em que elle foi tocar alvorada na Lapinha no dia 2 de julho?

MEIRELLES

Conservo d'estas cousas uma idéa confusa.

EDUARDO

Pois eu . . . tenho-as todas presentes na memoria! . . . Nunca me heide esquecer das guardas, que montavamos, tu como official, e eu como sargento . . . Que pandegas! . . . e que peixadas no quartel, quando estavamos aquartellados! . . . Comia-se . . . bebia-se . . . cantava-se; . . . e tu tinhas então uma soberba voz de barytono. Ainda me recordo d'aquelle modinha, que tu cantavas . . .

MEIRELLES

Ora, Sr. Eduardo!... para que revolver as cinzas do passado? N'aquelles tempos eu era um rapaz um pouco estroina.. hoje, a posição em que me acho collocado..... obriga-me a certas conveniencias... que... o senhor percebe... fazem de mim um homem serio, e..... tambem nem sempre somos creanças!

EDUARDO

Ah! é caso diferente!.... Se lhe incommodam estas recordações... mudemos de conversa. Peço-lhe que me diga definitivamente se Gustavo deve esperar ou renunciar o casamento.

MEIRELLES

Faço de seu amigo o melhor conceito... e.... creia que não é sem grande dor de coração que lhe recuso a mão de Adelia.

EDUARDO

Mas não foi pelo seu nobre procedimento.

MEIRELLES

Nada!... pelo contrario!... Fiquei estimando-o ainda mais. Infelizmente, porém, não é de amor que se vive;.... um homem que se casa, contrahe compromissos graves e sagrados:.... tem que sustentar a mulher, e os filhos.... dar a aquella uma existencia commoda e suave, e a estes uma educação apurada e....

EDUARDO

Mas... nada d'isto o senhor deixaria faltar á sua filha e a seus netos!

MEIRELLES

Não sou tão rico... talvez como o senhor imagina. Minhas propriedades pouco rendem... meus engenhos resentem-se da falta de braços... e meus capitaes estão um pouco embalçados! Além d'isto um homem de tão elevados sentimentos, como o Sr. Gustavo, não havia de querer dever tudo á mulher!... Faça esta justiça ao character de seu amigo.

EDUARDO

Agradeço-lhe em seu nome.

MEIRELLES

•E agora o casamento é de todo impossivel, porque já dispuz da mão de minha filha. Está promettida ao meu amigo Jorge de Menezes... hei de apresental-o.

EDUARDO

E' inutil... conheço-o. Não é o filho d'aquelle negociante Menezes, que, dizem, era passador de notas falsas?

MEIRELLES

Ora!... o mundo inventa tanta cousa!

EDUARDO

E que d'ahi é que provem a fortuna do filho?

MEIRELLES

Não me consta.... Demais os filhos não são responsáveis pelos crimes dos paes.

EDUARDO

Mas... mesmo sobre o proceder d'este Jorge tenho ouvido certas censuras....

MEIRELES

Tudo inveja e calúnia!

EDUARDO

E D. Adelia acha-se inclinada a este matrimonio?

MEIRELES

Uma menina bem educada... modesta... e virtuosa... só recebe por marido quem seu pae lhe apresenta!

EDUARDO

E conhece ella bem o noivo?

MEIRELES

Já o vio algumas vezes.

EDUARDO

Algumas vezes... é quanto basta!... A pobre moça deve conhecê-lo perfeitamente, para que mais? Algumas vezes... é o sufficiente para se ligar a um desconhecido pelo laço de uma estima sincera, e sentir mais tarde succeder a este laço um outro mais doce! Algumas vezes... é tempo de sobra para se conhecer que os genios combinam... e para se assegurar d'esta mutua sympathia, sem a qual não ha felicidade possível no casamento. Por certo que á vista do character de eterno, que lhe dá a indissolubilidade, ninguém o deve contrahir levemente;... mas quando o noivo tem feito duas ou tres visitas á casa do pae da noiva, nada mais é preciso... já se conhecem!... é casar quanto antes!

MEIRELES

Não comprehendo bem o tom de suas palavras... não

sei se são ironicas ou sinceras... mas isto pouco me importa! Sigo o uso, e para mim o uso é lei!

EDUARDO

Pois permitta que lhe diga, Sr. Meirelles, que este uso é tão máo que não pode haver outro peor!... Escolher um genro não pelas qualidades, mas pelo dinheiro que elle possui, é transformar o Sacramento do matrimonio em um mercado vil e indigno!... é pôr em almoeda, não o coração... porque esse nunca se vende, mas a mão de uma menina pura e innocente!

MEIRELES

• Mas, senhor...

EDUARDO

Tenha paciencia!... E' a ultima vez que lhe fallo sobre este assumpto, e o Sr. hade ouvir-me... Gustavo ama sua filha e é amado por ella;... é um homem honrado e acaba de proval-o do modo mais evidente. Pois bem!... esta rara abnegação, em vez de realçal-o, o deprime na sua opinião, porque o reduz á pobreza;... e o Sr. que julga que a fortuna é o unico elemento para a felicidade de uma moça, prefere para seu genro um sujeito de uma moral muito duvidosa... e cujo patrimonio provem de origens inconfessaveis! Bem sei que o filho não é responsavel pelos crimes do pae;... mas comparemos Gustavo com Jorge... estabeleçamos um paralelo entre os dous pretendentes: — Um, que pode continuar a ser rico, acceita a miseria sem hesitar... de braços abertos... e rosto prasenteiro, porque ella reabilita a memoria de seu pae!... O outro recebe sem corar e gosa sem remorsos uma herança, que é o fruto do mais hediondo dos crimes... do roubo que defraudando o Estado, arruina uma nação

inteira!... E o Sr. não contente de preferir o segundo, quer que o casamento se faça quanto antes, sem dar tempo a que se apague a chamma do primeiro amor!

MEIRELLES

Mas que tem o Sr. com isso?!

EDUARDO

(Continuando) Depois... se este enlace tiver consequencias funestas, ninguem se lembrará de accusal-o!... é sobre a victima insonte que hade recahir todo o pezo do anathema social!!... Ah! senhores juizes do austero tribunal da opinião, ... lembrai-vos sempre antes de lavrardes vossa sentença, de que a natureza não abdica os seus direitos; de que as mulheres tambem teem coração; ... de que n'ellas a necessidade de amar é tão imperiosa como em nós; ... e de que o seu organismo se revolta... e triumphá muitas vezes, a despeito da propria ventade! (Mudando de tom) Mas agora reparo que estou cahindo no tom declamatorio, improprio do logar em que nos achamos. Precisava desabafar, senão suffocava! Agora vou arrancar a Gustavo alguns vislumbres de esperança que ainda existem em seu coração; ... e cural-o d'este amor, de que só podem lhe resultar angustias e soffrimentos! (Sahe)

SCENA II

Meirelles, só

Ha mais tempo!... E' insupportavel este Eduardo com a sua mania de querer ser palmatoria do mundo!... Mas o que elle é... é um furioso socialista... ou um maluco, a quem hei de fechar a minha porta!... Com effeito!... Che-

gamos ao tempo em que os extranhos querem impedir que os paes casem suas filhas com quem acharem mais digno!

SCENA III

Meirelles, Adelia e Elisa

MEIRELLES

Chegam a proposito... entrem! (A Adelia). Tenho que te dizer, minha filha... mas vae te preparar, e faz-te bem bonita. Hoje vem jantar connosco o meu amigo Jorge de Menezes.

Adelia

(Aparte) Meu Deus!

MEIRELLES

Procura ser agradavel, e vê se dizes alguma cousa, Adelia. Quando elle está aqui, quasi que não fallas!

ADELIA

E' porque não acho nada para lhe dizer.

MEIRELLES

Pois procura, que has de achar... Elle com rasão hade pensar que não tens instrucção.

ELISA

O mesmo juizo formo eu a sen respeito, mas por uma rasão contraria:—Adelia não diz o que sabe, e o Sr. Jorge não sabe o que diz.

MEIRELLES

Ninguem te pergunta quantos annos tens?

ADELIA

Não posso me contrafazer, meu pae; quando quero lhe fallar, parece que as idéas me fogem.

MEIRELLES

Mas com Gustavo fallavas pelos cotovellos.

ADELIA

Mas era naturalmente e sem esforço.

ELISA

E' que para se responder a um homem de talento, as palavras acodem por si mesmas;... porém para conversar com um estúpido é preciso muita arte... e dá um trabalho immenso!

MEIRELLES

Silencio!... já disse;... olha que em tudo has de metter a colher! (*A Adelia*) Escuta, minha filha... eu sei o que digo, e o que faço... e tua mocidade deve ter toda a confiança em minha experiencia. Sabes que o meu maior desejo é que sejas feliz;... mas para isso deves crer mais no meu juizo amadurecido pela idade, do que no teu coração de dezenove annos, todo embebido em idéas de romances!... Gustavo tem algumas qualidades boas, mas que são offuscadas por muitos vicios; elle é leviano... adoidado... frequenta as más companhias...

ADELIA

Mas, meu pae...

MEIRELLES

Acho n'elle muitos defeitos... e de nenhuma sorte o

marido, que te convém... Os exteriores brilhantes que seduzem as raparigas nada valem, quando se trata de estabelecer a felicidade no casamento;... para ella é precisa uma base mais solida, em que a gente possa se fiar!

ADELIA

Todavia...

MEIRELLES

O meu amigo Jorge tem em si este grande merecimento, ... se não tem o falso brilho, que só depende da forma, possui um cabedal de seriedade, que o torna justamente o esposo, que te convém.

ADELIA

Ah! meu pae!...

MEIRELLES

Ora, vamos!... Eu não sou um pae sem entranhas... e sabem como as amo. Pois bem, minha filha, se os meus cabellos brancos te merecem algum respeito... se meu amor de pae tem o direito de te fazer um pedido... peço-te que me faças a vontade. E com isto alegrarás o fim da minha vida. Pensa bem!... e até logo, minha filha. (*Beija-a na testa e sahe.*)

SCENA IV

Adelia e Elisa

ELISA

Ja não amas então este pobre Gustavo?

ADELIA

Oh!...heide amal-o até morrer!

ELISA

Se o amas como podes abandonal-o assim?!

ADELIA

Que fazer?

ELISA

Pois eu...se amasse alguém, e tivesse a certeza de ser amada, faria mais do que Mirabeau...resistiria até á força das baionetas! E se quizessem me casar contra a minha vontade, eu havia de gritar mil vezes:—não, não e não!...batão-me!...matem-me!...esquartejem-me!...mas não me caso!

ADELIA

Como se pode resistir a um pae que pede?

ELISA

Mas és tu, ou, é elle quem se casa,... és tu ou é elle quem hade ser feliz ou desgraçado se o futuro marido fôr bom ou máo?...Se é a tua sorte que vae depender da escolha que se fizer, está claro que és tu quem deve escolher!... Ou isto é logico ou não ha logica no mundo!

ADELIA

Queres então que uma moça disponha de sua mão contra a vontade de seu pae?

ELISA

Não!...não digo isto! nem vou tão longe. Reconheço que

nenhuma tem o direito de escolher um noivo contra a vontade de seu pae;...nem admitto a intervenção da justiça entre um pae e suas filhas. Por mais amor que eu tenha a alguém, nunca serei sua mulher, se meu pae não consentir; mas também não lhe reconheço o direito de me impôr um noivo. Ou heide me casar a meu gosto ou ficarei solteira toda minha vida.

ADELIA

Mas meu pae mostra tanto empenho n'esse casamento...

ELISA

Embora! Não se ama por ordem superior; e para uma mulher ser feliz deve amar seu marido. Haverá nada mais doce do que o amor ^{no} casamento?... Haverá nada mais agradável do que transformar a vida n'um romance sob a salvaguarda da religião e das leis?... Não é a felicidade suprema cumprir um dever que está em harmonia com os desejos do coração?

ADELIA

Mas muitas vezes o fim do romance não corresponde ao principio;... e o marido torna-se muito diferente de que era o amante.

ELISA

Ainda assim ella é digna de inveja, porque conheceo por algum tempo a ventura ineffavel de ser amada por seu marido!... e mesmo quando este tempo tenha a duração de um relampago, é sufficiente para illuminar toda a existencia da mulher!... E o que se deve esperar d'estas frias uniões presididas pelo calculo?... principia-se pela indifferença e vae-se de queda em queda até a antipathia, o desprezo e o odio.

Se o casamento é um jugo pesado, como dizem, acho que o amor é o unico Cyrineo, que lhe possa alliviar o peso.

ADELIA

O amor é um delirio... uma embriaguez... uma desordem insensata...

ELISA

Sim, quando é criminoso ou mal empregado. Mas Gustavo amava-te com intenções honestas;... seu character é digno de toda a tua estima; foi meu pae, aliás, quem t'o apresentou, e até quem promoveo a intimidade e o amor;... e agora que culpa tens tu de que elle tenha mudado de idéas?... Pois o nosso coração será como um forno, que se possa aquecer... resfriar... apagar... e tornar a accender... sempre que se queira?!

ADELIA

Tudo isto é muito justo, mas para mim a vontade de um pae é o que ha de mais augusto e soberano. Alem disto sabes como elle é inflexivel; .. seu ar supplicante envolve uma ordem positiva, contra a qual minhas lagrymas nada poderião!... Era para haver todos os dias n'esta casa questões desagradaveis, cujo echo havia de repercutir lá fóra!... E' para evitar o escandalo que me resigno a sacrificar o meu coração e a soffrer calada.

ELISA

Já vejo que nunca amaste verdadeiramente a Gustavo.

ADELIA

Oh! muito!... e o amo agora talvez mais do que nunca!... mas nunca tambem darei um desgosto a meu pae! Desejo que

Gustavo seja muito feliz, e que encontre um coração digno do seu... são os unicos votos que hoje me é dado fazer por elle.

ELISA

Fazes ferver o sangue nas minhas veias!... nas tuas o que corre é calda de capilé. Não posso comprehender uma resignação tão evangelica; e sinto que Gustavo tivesse empregado tão mal o seu amor. Mas eil-o que chega!

ADELIA

Meu Deus!... Elle!

SCENA V

As mesmas e Gustavo

GUSTAVO

Acabo de saber por Eduardo que a senhora ia se casar, mas não pude crer!... Foi seu pae quem formou este projecto, mas a senhora o repellio com todas as forças da sua alma, não é verdade?... Era impossivel corresponder com tanta ingratição a um coração terno e apaixonado como o meu;... a senhora não havia de animar o meu amor... nutril-o de esperanças... somente para ter o cruel prazer de despedaçal-o entre as mãos, como a creança faz ao brinquedo de que já está aborrecida! Deve conhecer que o meu amor é verdadeiro, porque é a si... a sua pessoa... as suas virtudes, que eu amo... ao passo que esse Jorge só ambiciona o seu dote. Falle... tranquillise minha anciedade... diga que sua mão nunca será de outrem. Mas cala-se... volta o rosto... oh! esta duvida é mil vezes

peior! Em nome do Céu responda!.... Se de seus labios tiver de receber a morte.... quero morrer aqui a seus pés.... bendizendo ainda assim o seu nome, e tendo para guiar-me a alma um raio de seu olhar! (*Ajoelha-se aos pés de Adelia.*)

ADELIA

Por piedade!...., tenha dó de mim, que soffro mais do que o senhor! Se eu pudesse obedecer aos impulsos do meu coração, amanha..... hoje mesmo, seria sua esposa. Adivinhei o seu amor, e sentia-me orgulhosa!.... Da minha parte havia uma amizade sincera e crescente, a que veio pôr o ultimo remate a generosa acção que praticou; porque a mulher gosta de ver applaudido aquelle a quem estima!

ELISA

Ora graças a Deus!.... Derreteu-se o gelo!

GUSTAVO

(*Levantando-se.*)—Então?

ELISA

Acalma-o logo de uma vez!.... diz-lhe que não podes ver o tal Jorge, nem ninguem que se lhe pareça!.... Vamos!.... firmeza e avante!

ADELIA

Mas um pae tem direitos sagrados.....

GUSTAVO

E não terei tambem os meus?.... A mocidade.... o amor.... esta natureza eterna que nos rodeia, não ordenam que um coração sensivel corresponda a outro que o

ama? !.... Tudo empallidece onde brilha o facho do amor!... Sinto-me com forças para disputal-a ao mundo inteiro!.... para arrancar-a até dos braços de seu pae! (*Pegando-lhe na mão.*) Adelia!.....

ADELIA

(*Retirando a mão.*)—O senhor assusta-me!.... Agora vejo a minha imprudencia! Uma moça nunca deve confessar o seu amor;..... porque essa primeira falta acarreta muitas outras!

ELISA

Adeus.... adeus. Se começa a raciocinar em materia de amor, está tudo perdido!

ADELIA

Mas.... repito, Sr. Gustavo, o senhor é um nobre coração que eu respeito e admiro!

GUSTAVO

Basta só que me estime.

ADELIA

E como mostrou de um modo tão digno que era escravo do dever, permita que eu tambem cumpra a sua lei severa: o meu dever prescreve que eu obedeça a meu pae!

ELISA

(*A parte.*)—Ah! pobre Gustavo!.... La se vae tudo por agua abaixo!

GUSTAVO

Grande Deus!.... é então verdade?!

ADELIA

Sim :..... sofreremos ambos.... eu, principalmente !

GUSTAVO

A senhora principalmente ! Oh ! não junte a zombaria ao desengano !

ADELIA

Mas havemos ambos de seguir o caminho da linha recta !

GUSTAVO

Oh ! não !..... não é possível !..... E' tempo ainda ! Tenha piedade de mim.... de mim que tanto lhe amo.... e que padeço tanto !.... Olhe !... eu ainda posso ser rico... espere.... resista.... peça tempo para reflectir....

ADELIA

Meu pae não admitte demora....

GUSTAVO

Ah ! muito bem ! percebo !..... A minha presença talvez lhe seja importuna !.... Adeus.... senhora ! Adeus... e para sempre !

ADELIA

Para sempre... não !.... Um dia nos poderemos ver como dous irmãos e amigos.

GUSTAVO

Nunca !.... Adeus !

ADELIA

Não !.... até a vista....

GUSTAVO

Até a vista ? !.... E para que ? Para que dignar-se-ha ainda admittir-me á sua presença ?.... Será para que eu veja como a tímida virgem transformou-se em esposa e mãe de familia ? !.... Será para que eu observe as ternuras que ella prodigalisa ao marido ?.... Ou para que contemple como é tocante uma mãe amamentando seu filho ?.... Ah ! realmente como eu seria feliz !.... Dando tudo a fé conjugal, a senhora me offereceria.... a mim !.... a esmola da amizade ! Para outro.... o amor e o delirio ! para mim.... a reserva e o recato ! Oh ! não.... pelo Christo, que não !.... Não tenho a alma conformada para representar o papel de victima resignada ! Não verei profanada pelos beijos de outrem esta fronte, que eu tanto amei quando a cingia a corôa da innocencia !

ADELIA

Oh ! o senhor é injusto !.... e diz-me cousas que eu não mereço. Se eu fosse livre na minha escolha.... se não fosse meu pae....

GUSTAVO

Deixemos seu pae em paz !.... e acabemos com esta farça ridicula !.... A senhora procura abrigar-se na autoridade paterna, e eu sei o que vale esse pretexto hypocrita !

ADELIA

Que quer dizer ?

GUSTAVO

Que sei explicar os effeitos pelas causas !.... Se fui acolhido de braços abertos, e se agora sou repellido com

a ponta do pé. ... é que *hontem* era rico, e *hoje* nada possui senão o dia de *amanhan*!

ADELIA

Oh! meu Deus!

GUSTAVO

E' tudo natural. ... e está ao caracter do tempo que atravessamos!... Eu... sim! sou um louco, porque não tendo nada, quero ser preferido ao outro que possui milhões!

ELISA

Oh! o senhor é cruel!

ADELIA

Elisa, leva-me para dentro. sinto a cabeça andar-me á roda! Adeus, Sr. Gustavo, o senhor despedaçou-me o coração, mas elle assim mesmo lhe perdoa; o senhor terá noticias minhas, e verá como foi injusto!

ELISA

(A Gustavo).—Comprehendo o seu desespero, e lamento o profundamente. (*Sahe dando o braço a Adelia*).

GUSTAVO

Adelia. esposa de um outro! Perdida! perdida para sempre!

SCENA VI

Gustavo e Eduardo

EDUARDO

Sabiste de casa em tal estado que fiquei sobresallado!

Mas logo desconfiei onde estarias.... Vem.... a tua presença aqui é inconveniente!

GUSTAVO

Adelia.... a minha noiva.... vae casar-se.... e por sua livre vontade!

EDUARDO

Pois deixal-a! Tu te pagarás na mesma moeda.

GUSTAVO

E o casamento é breve! .. Felizmente! porque n'esse dia... sei que morrerei!

EDUARDO

Qual morrer! Não se morre mais de amor; está fora da meda, depois que os senhores medicos inventaram molestias novas! Mas não vejo motivo para estares assim.... com o favor de Deus, não faltam mulheres! Ella não é feia, concordo; tem uns olhos bonitos; mas queres que te diga?..... embirro com seu ar adocicado! Queres que te aponte vinte?.....

GUSTAVO

Desleal!

EDUARDO

Ora ahí está!... Eu teria pegado na irman... é viva... travessa... e parece ter muito espirito!

GUSTAVO

E agora o que hade ser de mim?... Quem me hade abrir os braços?

EDUARDO

(Enthusiasmante-se)—A arte! essa consoladora sublime das misérias humanas!... a arte! essa amante fiel e dedicada, que nunca traição os que se lhe entregão devéras!... a arte! essa irman da liberdade, porque o verdadeiro artista de ninguém depende!... a arte! que tomando um indigente no ultimo degrão, o conduz por uma escada... ingreme e escabrosa... é verdade!... mas em cujo lôpo o abraça a gloria... sua outra irman!

GUSTAVO

A gloria!... Sonhei muitas vezes com a embriaguez dos seus triumphos, porque queria ler nos seus olhos o orgulho das minhas victorias!... Mas agora o que importa a gloria?... a quem entregarei as palmas obtidas?... ou em que regaço depositarei os louros conquistados?... A riqueza, sim!... só a riqueza me seduz!... Se eu fosse rico ainda... Adelia seria minha!

EDUARDO

Creança!... Agora é que começa a tua vida, porque viver é lutar, como dizia um grande poeta nosso. Ainda has de passar por muitas provações;... mas arma-te com a honra!... e sê um athleta generoso que Deus te ajudará.

GUSTAVO

Por ser honrado vou perdê-la!... Se eu fosse um velhaco seria o mais feliz dos homens!

EDUARDO

Não blasphemes, insensato! Acima da posse de mulher amada deves collocar a estima de tua propria consciencia!... E agora ao trabalho que é lei de Deus!

(Cabe o panno)

ACTO IV

Baile em casa de Gervasio. Sala de jogo com portas ao fundo, que dão para outra sala em que se dança. Musica dentro.

SCENA I

Gervasio, Henrique Florentino, Marinho, alguns jogadores a uma meza, entre os quaes Barbosa e Evaristo

HENRIQUE

(Passeando com Gervasio) Seu baile está esplendido, meu charo Gervasio!

GERVASIO

Então tem-se divertido muito?

HENRIQUE

Muito! Tenho apreciado rostos encantadores e vestuários magnificos!

FLORENTINO

(Approximando-se) Principalmente duas senhoras, que ainda não dançaram.

HENRIQUE

Como chamam-se?

FLORENTINO

Não sei;... são duas irmans... uma tem o ar melancolico, a outra é viva e azougada!

GERVASIO

Ah! ja sei quaes são.

FLORENTINO

Sympathisei muito com a mais velha... impressionou-me aquelle modo tão triste!

GERVASIO

E' que ella conhece de perto a desgraça; e receio que o futuro lhe traga ainda grandes desgostos. O pae contrariou-a em suas afeições... e quer obrigar-a a desposar um homem grosseiro... brutal... e libertino!

FLORENTINO

Pobre senhora!

GERVASIO

Bem, meus amigos, até logo. Bem sabem que n'um dia como o de hoje devo-me a todos. Divirtão-se! (*Sahe*).

SCENA II

Os mesmos, menos Gervasio

FLORENTINO

(*A' Henrique*) Sabes quem ha pouco vi aqui no baile?... Gustavo!

HENRIQUE

O que faz elle agora?... Em que se occupa?

FLORENTINO

Não sei... não o via, ha mais de um anno.

HENRIQUE

Dizem que está arruinado.

FLORENTINO

E' verdade. Hoje faz pena a quem o conheceu.

HENRIQUE

E como foi que elle perdeu aquella fortuna immensa?

FLORENTINO

Eu sei?!... Talvez o jogo... as mulheres!...

HENRIQUE

E agora quaes são os seus recursos?

FLORENTINO

Elle antigamente atirava-se ao desenho... não sei se lembras-te?...

HENRIQUE

Sim, me lembro até de que uma vez que jantamos lá, lhe enchemos o nariz de folha; debicamos em regra!

MARINHO

Tem vendido ahí uns quadros por dez réis de mel coado.

FLORENTINO

Por aquelles que vimos lá eu não dava nem um níkel!

MARINHO

Mas... ahí vem elle!... Cuidado com as algibeiras!...
Estes amigos necessitados...

HENRIQUE

Olha como elle anda !... As calças estão fóra da moda... e o paletot ja mostra o fio ! (*Sahem os tres rindo se.*)

SCENA III

Os jogadores na meza do jogo, e Gustavo, que vem até o proscenio, tira uma carta do bolso, e lê

GUSTAVO

(*Lendo*) « Meu charo Gustavo, comquanto o Sr. viva « agora como um anachoreta, peço-lhe que não deixe de vir « ao meu baile, que é dado expressamente por sua causa. « Imaginei este meio engenhoso para reunir todos aquelles « de quem o senhor póde esperar alguma cousa, e aos quaes « não lhe tem sido possível fallar. E eu mesmo tenho que « lhe dizer. P. S. Sei que a presença da noiva do Menezes « lhe será desagradavel; mas não me era possível deixar de « convidal-a. Tenha paciencia e domine sua commoção. » (*Declamando*) A noiva do Menezes !... sim !... é como ella é agora tratada !... não é mais a minha Adelia... agora é a noiva de outro !... Oh ! covarde que sou !... que vim eu aqui fazer, que não me deteve a repugnancia de vel-a ? !... Tenho vergonha de confessar a mim mesmo que foi justamente para vel-a, que aqui estou !... Ella lá está... sempre bella !... Parece uma rainha no meio de uma côrte que a admira !... Cercada de adoradores, que disputam um seu sorriso ! Elles trajam no rigor da moda... e eu acho-me assim vestido !... Como ella hade estimar de ver-me n'este estado !... de um amante como eu, não se deve ter saudades nem remorsos ! (*Barbosa deixa o jogo e aproxima-se sem*

reparar contando dinheiro, assim que Gustavo lhe falla, mette logo o dinheiro no bolso.) Bôa noite, Sr. Barbosa.

BARBOSA

Oh ! que feliz acaso, Sr. Gustavo. Ha muito não tinha o praser de vel-o.

GUSTAVO

Vivo um pouco retirado.

BARBOSA

Contaram-me a sua historia e acho-a muito honrosa !

GUSTAVO

Procurei-o algumas vezes em sua casa, mas nunca o encontrei. Parecia uma fatalidade !... O Sr. nunca estava em casa !

BARBOSA

Sinto muito. Em que lhe posso ser util ?

GUSTAVO

Justamente no Sr. fundo as minhas esperanças. Hade lembrar-se de que em outro tempo o Sr. offereceu-me alguns empregos, que então recusei; mas a perda da minha fortuna fez-me mudar a maneira de pensar;... e hoje estou dispo to a acceitar.

BARBOSA

Hoje todos querem empregos !... Desde que vaga um logar e mesmo antes... são tantos os pretendentes... que os mais bem recommendados levam annos esperando !



GUSTAVO

Por esse lado então...estou despachado?

BARBOSA

Não digo isto...veremos!...Mais tarde talvez se possa arranjar um lugar de amanuense...depois irá subindo. Quem o pode proteger é o meu amigo Rodolpho Bezerra.

GUSTAVO

Rodolpho Bezerra!

BARBOSA

Janto com elle todos os domingos. E' um homem de talento e que sabe comprehender mundo... Era bem pobre;...mas como não tinha preconceitos...fez por si...trabalhou...subio...e hoje é quem manda a chuva e o bom tempo! Hei de recommendal-o; adeus! Conte commigo! (*Sahe.*)

GUSTAVO

Que voltas que o mundo dá!...Se eu o procurasse...hoje seria elle que havia de mandar-me despedir por um creado. (*Reparando nos que entram*) Olá! os meus antigos credores! A amizade voltou-me as costas!...tentemos agora a gratidão!

SCENA IV

Os mesmos, Timotheo, Andrade, Raymundo e Evaristo

Bello palacete!

TIMOTHEO

ANDRADE

Mobilia riquissima!

RAYMUNDO

Com o dinheiro gasto n'este baile, podia se comprar uma propriedade!

EVARISTO

(*Que tem largado o jogo e está sentado em um divan*) Acho que este luxo não assenta em um tabellião. Antes da Constituição não se viam d'estas cousas!...o negociante vivia em sua loja...o taverneiro em sua venda...o tabellião no seu cartorio...e tudo o mais era assim!...e cada um conformando-se com a sua posição deixava o luxo e o aparato a quem os devia ostentar. Mas depois da maldita praga, está tudo fóra de seus eixos! Está a rasão, por que ha tantas quebras...e tantos incendios no fim do anno!

GUSTAVO

Bôa noite, meus senhores!...Com que então os senhores nada perderam?

ANDRADE

Não!...nada! Fui embolsado de tudo quanto se me devia.

TIMOTHEO

Ainda ha pouco fallavamos n'isto. Foi realmente uma acção muito honrosa!

GUSTAVO

Tenho grande satisfação em ver que ainda se lembram.

RAYMUNDO

O Sr. não obsequiou a ingratos!

GUSTAVO

Folgo muito... e á vista d'isto não hesito em fazer-lhes um pedido. Precisava de alguns contos de réis para montar uma fabrica... e se algum dos senhores... ou todos se cotisando conforme as suas posses... m'os emprestassem, prometto... á fé de homem de bem... que no praso de dous annos pagaria o capital e os juros (A Andrade) O Sr. disse-me que em qualquer occasião, em que eu precisasse da sua bolsa ou do seu credito...

ANDRADE

E' verdade!... e louvo a sua bôa memoria!... Mas... porque o Sr. não se dedica ás artes? Sei que tem gosto pelo desenho.

GUSTAVO

Tentei ganhar a vida pelos meus pinceis... mas as artes na Bahia apenas dão para... se poder' morrer de fome!

ANDRADE

Não é tanto assim!... e o Sr. é injusto para comsigo mesmo. Eu tambem sou artista!... não sei pintar... é verdade!... mas sou amador! Tenho visto alguns quadros seus, e acho que o senhor pode ir muito longe! Deixe-se de fabricas que não adiantam idéa! Cultive arte!... cultive-a com affinco... e algum dia o senhor me ha de agradecer este conselho de amigo. (Aperta-lhe a mão e sahe).

GUSTAVO

(A Raymundo) E o Sr... o que diz?

RAYMUNDO

Que sei o que é a industria no nosso paiz!... Meu charo,

montar uma fabrica... é o mesmo que cavar a ruinal Fallo com experiencia, porque um tio de minha mulher enterrou uma bôa fortuna em emprezas industriaes! E eu, seu amigo, não quero concorrer para vel-o encalacrado. Para outra qualquer cousa já sabe que estou sempre ás suas ordens. (Aperta-lhe a mão e sahe.)

TIMOTHEO

(Não lhe dando tempo de dirigir-se e elle). Que patifes! Como inventam pretextos para não obsequiarem a um homem honrado como o senhor!... Eu não sou assim... o meu maior desejo era pôr a minha bolsa á sua disposição;... mas os tempos andam bicudos!... e eu estou inteiramente baldo ao náipe.

GUSTAVO

Quem, o Senhor?

TIMOTHEO

E' verdade, meu amigo. Metteu-se-me na cabeça edificar predios no Tororó... ah! o Sr. não imagina o que gasta em obras!... E' a feria... o material... a empreitada!... o carreto, e tudo pela hora da morte! Meu charo Sr. Gustavo, tome bem nota no que lhe digo:—não se metta a edificar predios! (Aperta-lhe a mão e sahe).

GUSTAVO

Que não edifique predios!... Ainda em cima a irrisão e o escarneo! Oh! tenho esgotado o calice até as fezes!

EVARISTO

Não faz mal, meu amigo... soffra, mas... (Rindo) seja honrado! (Sahe).

GUSTAVO

(*A sala tem ficado deserta*) Não me arrependo do que fiz... entretanto é preciso viver!...Mas como?...não tenho recursos!...Ah! é castigo de Deus!...Eu dizia que não havia indigentes, mas sim preguiçosos!...que ninguém morria de fome! E eu quero o trabalho e não o encontro... e estou bem arriscado a morrer á mingua.

SCENA V

Gustavo e Porphyrio

PORPHYRIO

Ora bons olhos o vejam!...Que fazia o Sr. com aquelles unhas de fome?

GUSTAVO

Pedia-lhes dinheiro emprestado, na certeza de lhes pagar.

PORPHYRIO

Ora o Sr. ainda é muito creança!...Pois se persuade que haja alguém que empreste dinheiro sem fiança ou hypotheca? Se o Sr. me tivesse attendido em outro tempo, não estava agora n'estes apuros;...tinha-se casado com um bom dote, e...mais vale um passaro na mão do que dous voando. Mas, emfim, para se começar a ter juizo sempre é tempo;...vou tiral-o d'este embaraço. Já recorro a todos os seus ex-credores?

GUSTAVO

A todos... e todos se mostraram cruéis e grosseiros!

PORPHYRIO

Não esqueceo nenhum?

GUSTAVO

Qual?

PORPHYRIO

A ex-credora?!

GUSTAVO

Pedir dinheiro emprestado a uma mulher, nunca!... Ainda quando tivesse a certeza de que ella me emprestava, não lhe pediria!

PORPHYRIO

E se não fosse um empréstimo?...se fosse uma dadiva?

GUSTAVO

Peior ainda!

PORPHYRIO

E se esta dadiva fosse acompanhada da mão que a faz?

GUSTAVO

O Sr. está sonhando?

PORPHYRIO

Estou bem accordado, feliz conquistador! Seu nobre procedimento sensibilizou de tal forma o coração de D. Gabriella, que está douda de amores pelo senhor... e que deseja ardentemente ajuntar ao appellido de Araujo que herdou do pae o de Amorim que é o seu.

GUSTAVO

Uma senhora de cincoenta annos!

PORPHYRIO

Quarenta e oito meu amigo!...quarenta e oito se lhe faz favor!

GUSTAVO

Ja é uma idade respeitavel!

PORPHYRIO

Ora o que valem dez ou quinze annos de mais ou de menos?...As mulheres são como as flores, murcham de pressa...o amor vôa, para isso é que tem azas...a belleza evapora-se com o tempo...mas o dinheiro fica!...E ella possui a bagatella de sessenta contos!

GUSTAVO

Vender-me!...que vergonha!

PORPHYRIO

Ja tardavam os palavrões da tarifa!...«Vender meu coração!...Mercadejar o sentimento!!» e outras phrases, como estas, que só fazem effeito no theatro. Meu charo amigo, fóra dos bastidores a vida é outra!

GUSTAVO

Casar-me com uma senhora, que podia ser minha mãe!

PORPHYRIO

E o que acha melhor?...desposar uma senhora que já não é creança, mas que ainda está bem frescalhona, e com ella viver ao abrigo da necessidade?...ou morar em um cochicholo sem commodos, não tendo nem que lhe prepare a comida...sendo obrigado a jantar em botequins...e isto mesmo quando tiver com que?!

GUSTAVO

Realmente!...

PORPHYRIO

Desculpe a minha franqueza, que é toda filha da amizade;...mas o Sr. que era um figurino, veio a este baile de um modo que parece um caixeiro de venda nos domingos de tarde, quando sabe a passeiar...só lhe falta a bengalinha com cabo branco de osso!

GUSTAVO

(*Aparte*) E eu que não jantei hoje para comprar este par de luvas!

PORPHYRIO

Dos seus numerosos amigos, qual é o que lhe resta?...A não ser eu, que não o tenho procurado pelas minhas occupações...

GUSTAVO

Verdadeiro só tinha um, era Eduardo! Esse não abandonou-me!

PORPHYRIO

Tudo o mais fugiu!...porque um homem atacado da pobreza é peor do que se estivesse atacado da variola!

GUSTAVO

Desejava tornar a ser rico, para ensinar aquelles patifes, que me enjoavam com tanto incenso!

PORPHYRIO

Sim, senhor!...São desejos muitos louvaveis; e sessenta

contos...se não constituem uma fortuna...podem ser um bom principio de vida!

GUSTAVO

Mas...cincoenta annos!

PORPHYRIO

Quarenta e oito, já lhe disse...e o Sr. a dar-lhe!

GUSTAVO

Será cobrir-me de ridiculo!

PORPHYRIO

De ridiculo vive o Sr. coberto por não ter um vintem nas algibeiras. Vou buscar D. Gabriella, que tambem veio ao baile...e espere-nos aqui para a primeira entrevista. (*Com gravidade comica*) Eu estarei presente para evitar a maledicencia...

GUSTAVO

Mas...

PORPHYRIO

Não tem mas...nem meio mas!...Ja lhe trago sua noiva! (*Sahe*).

SCENA VI

Gustavo e Eduardo

EDUARDO

Gustavo!...meu amigo!...

GUSTAVO

Ah! és tu?...

EDUARDO

Sim; sou eu, que não te largo mais...e que heide acompanhar-te como a sombra ao corpo. Que historia é esta de velha, e de casamento?

GUSTAVO

(*Despeitado*) Desde quando contrahiste o habito de escutar ás portas?

EDUARDO

Desde que contrahiste o reccio de seres ouvido! D'antes podia surprender-te em qualquer occasião, porque tinhas a certeza de que eu approvaria tudo quanto disseses. Ainda me lembro de que um dia, ao entrar de repente em tua casa, ouvi-te estas palavras, que me ficaram para sempre gravadas na memoria:—Moço como sou, não vendo minha mão, nem minhas afeições; não me casarei senão para estimar minha mulher; e para me casar, não considerarei o dote que ella tem, mas as virtudes que a adornão!» E estas palavras eram dirigidas a este mesmo Porphyrio que acaba de sahir d'aqui!

GUSTAVO

Se mudei de opinião, conhecendo melhor o mundo... não é minha culpa, mas do seculo que atravessamos!

EDUARDO

Como?

GUSTAVO

Sim!...d'esse seculo prosaico e positivo, cujo maior

vulto é Rotschild!... desse seculo, que divide todos os homens em dous grupos:—os velhacos e os tolos!... e ao passo que endeôsa os espertos, que enriquecem, ridicularisa a pobreza honrada com o estigma de falta de tino!

EDUARDO

Estarás arrependido da generosa acção, que praticaste?

GUSTAVO

Não!... não me arrependo;... mas que lucro tirei d'ella?

EDUARDO

A approvação da tua consciencia!... E que mais querias tu?... querias um salario para quem fosse honrado?... N'esse caso todos exerceriam a honra como se exerce um emprego publico.

GUSTAVO

A approvação da minha consciencia fez-me perder a mão de Adelia.

EDUARDO

Mas faz com que eu aperte a tua; o que vale alguma cousa, porque não aperto a de todos!

GUSTAVO

E para mais fundo ser ainda o golpe... ella ahi está... rica... cheia de adornos... sabendo que é bella... e desejando que a admirem!

EDUARDO

A serem exactos os boatos que correm, ella antes quer chorar sem testemunhas do que ostentar-se em publico. O Menezes é um infame, que hade martyrisar a mulher.

GUSTAVO

Que me diz?

EDUARDO

Além d'isto é um perdulario, que conduz a fortuna a trote largo... joga de um modo infernal... trata-se como um principe... e sustenta uma porção de amantes! O Meirelles vive illudido... empresta-lhe seus capitaes... e tudo se precipita n'um abysmo, cujo fundo é a bancarota!... Creio que muito breve veremos como tudo isto degradingola!

GUSTAVO

Graças, meu Deus!... Tambem ella hade sentir os horrores da miseria! (*Levando a mão ao estomago*) Mas que sinto eu?... que crueis repuchamentos!... Se tivesse comido hoje, diria que estava envenenado! (*Vacilla*)

EDUARDO

(*Amparando-o*) Oh! eu tambem conheço estes symptomas horriveis... e por isso sei combatel-os. Vamos!... Vem commigo... comquanto pobre tambem sou ainda bastante rico para matar a fome a um amigo!

GUSTAVO

(*Desprendendo-se d'elle e um pouco delirante*) Não! não é a fome!... Eu nunca a senti... e até creio que ella não existe! Um homem, que possui duzentos contos... não sabe o que é a fome!... e eu os tenho!... trago-os aqui no bolso! E' o dote de minha mãe!... e não está sugeito a onus algum!... é meu!... vou gosar-o!

EDUARDO

O desgraçado delira!

Pagar com elle as dividas de meu pae... não!... não o faço! Honrados Catões do seculo XIX... logar entre vós a mim, que sou como vós!... Fallidos fraudulentos!... lacaios abjectos!... hypocritas libertinos!... renegados politicos... homens sem fé!... sem crenças!... sem principios!... vós todos, cujo unico Deus é o ouro... salve!... Logar entre vós a mim... que tenho duzentos contos e sou como vós!...
(*Cahe desmaiado sobre um divan.*)

EDUARDO

Pobre amigo!... Se eu pudesse leval-o d'aqui... ou impedir que entrasse alguem!... Ah! felizmente tenho aqui um vidrinho de saes, que uma senhora deu-me para segurar... experimentamos a sua acção!

GUSTAVO

(*Tornando-se*) Onde estou eu?... o que se passa em torno de mim?

EDUARDO

Estás em um baile!... Domina a fome que te roe as entranhas!... Afivela no rosto a mascara social... e faze honra ás tuas luvas de pellica!

SCENA VII

Os mesmos e Gervasio

GERVASIO

Meus senhores, vae dançar-se uma quadrilha... e as damas reclamão tão distinctos cavalheiros. Mas que tem Sr. Gustavo?... vejo tão transtornado

EDUARDO

(*Baixo a Gervasio*) Leve-o comsigo, e faça-lhe comer alguma cousa.

GERVASIO

Compreendo!... pobre moço! (*A Gustavo*) Dê-me o seu braço, Sr. Gustavo, quero mostrar-lhe o meu bufete.

GUSTAVO

Jantei hoje tão bem, que não lhe poderei fazer as honras devidas. (*Sahe com Gervasio, Eduardo acompanha-o até a porta e volta.*)

SCENA VIII

Eduardo e depois Elisa e Adelia

EDUARDO

Este estado de cousas não pode continuar. E' preciso arranjar-lhe um emprego e livral-o das garras da velha!... Ah!ahi vem D. Elisa... é o céu que m'a envia! (*Tomando-lhe a frente*) Minha Sra., peço-lhe dous momentos de attenção. Desejo-lhe fazer um obsequio.

ELISA

A mim, Senhor?!

EDUARDO

De certo!... Conhecendo o seu bom coração, julgo obsequial-a mostrando-lhe uma occasião de fazer bem.

ELISA

Agradeço-lhe a opinião favoravel que de mim forma. Mas de que se trata?

EDUARDO

De socorrer...de arrancar-o a um abysmo em que quer precipitar-se, um infeliz que foi seu amigo em outro tempo... e que *hontem...hoje...e amanhã*, em todas as epochas, foi e será meu...trata-se de Gustavo...elle está aqui.

ADELIA

Eu o vi.

ELISA

Nós o vimos;...e eu cancei de fazer-lhe signaes...mas elle não deu a minima attenção.

EDUARDO

Elle é triste...descnfiado...e timido como todos os desgraçados. Receia que quem o conheceu outr'ora, ria-se hoje d'elle.

ADELIA

Quanto a nós é uma injustiça;...nosso unico sentimento é a admiração!...Uma pobreza, cuja causa é tão honrosa, deve inspirar a todos sympathia e respeito.

ELISA

Rir d'elle!...Meu Deus!...Mas ninguém se lhe iguala. Eu o vejo collocado em um pedestal tão alto que domina a sociedade inteira!...Para mim é mais do que um grande artista...é mais do que um grande fidalgo!...é mais do que um homem opulento!...é um homem de bem!!...Ha pouco quando o vi passar com o seu paletot limpo de europeis por entre aquellas casacas que parecião taboletas, disse commigo:—Aquelle traz a honra guardada no coração; os outros são honrados pelas casacas que envergão!

EDUARDO

Oh! é justamente o que peço:...é que lhe diga isto, e com este tom de convicção que será um balsamo salutar, que lhe alliviará as dores da alma!

ELISA

Estou prompta a dizer-lhe isto e o mais, que me vier á cabeça;... assim possa estar com elle.

EDUARDO

Pois então venha convidal-o para dançar.

ELISA

Da melhor vontade!

EDUARDO

Oh!... eil-o que chega!

SCENA IX

Os mesmos e Gustavo

(Gustavo vem procurar Eduardo, mas vendo as moças quer retirar-se)

ELISA

(Tcmando-lhe a passagem) Perdão, Sr. Gustavo...o Sr. sabe que eu sou o espirito de contradicção...gosto de procurar a quem me evita.

GUSTAVO

D. Elisa, eu...

ELISA

Vamos!... Não lhe dou quartel!... a retirada está cortada ao inimigo... assim constitua-se meu prisioneiro! (*Mudando de tom*) Como não traz espada, dê-me o braço! (*Gustavo da-lhe o braço*) Muito bem!... mas não é tudo:... quero que me convide para dançar.

GUSTAVO

E' uma agradável condição que o vencedor me impõe, mas...

ELISA

Não admitto observações... vamos! vamos! convide-me!

GUSTAVO

Minha Senhora, peço que me conceda a honra de uma walsa.

ELISA

(*Com graça*) Já que o Sr. insiste por este modo... concedo... mas só se fôr a primeira que se dançar.

GUSTAVO

Oh! a Senhora é boa... é caritativa... conheço-a ha muito!... Vio o pobre abandonado e teve dó do infeliz.

ELISA

Engana-se!... o motivo é outro... o que eu sou... sou muito egoista! Faço isto por interesse meu... quero ter o orgulho de que me vejam pelo seu braço!... Sim!... quero ter o orgulho de que me vejam pelo braço de um homem de bem!

GUSTAVO

A sua excessiva bondade exagera uma acção que qualquer faria.

ELISA

Pois para mim o Sr. é um heroe, e como tal o respeito e admiro. (*Ouve-se a musica tocar dentro uma walsa*) Mas o dever nos chama! Vamos ocupar nosso posto de honra! (*Sahe com Gustavo*).

SCENA X

Eduardo e Adelia

ADELIA

Como ella é feliz em poder fallar-lhe. Eu tambem tinha tanto que dizer-lhe, mas receio que elle não queira ouvir-me, despeitado como com rasão deve estar, por não saber a resolução, que tomei, afim de conservar-me sempre fiel ao seu amor.

EDUARDO

Que me diz minha senhora?!... Pois o seu casamento com o Menezes?

ADELIA

E' impossivel! A moça que teve a felicidade de ser amada por um homem como Gustavo, não pode dar a mão de esposa a outrem e ainda menos a um Jorge de Menezes.

EDUARDO

Mas seu pae...

R P E B
OBRAS RARAS.

152 / 95

XIX
869.9
CAS



ADELIA

Era só por obediencia a elle que eu ia sacrificar-me;... mas o desespero em que vi Gustavo sensibilisou-me a tal ponto, que minha apathia desapareceu para deixar ver o lado energico do meu character. Não serei esposa d'aquelle, a quem tanto amo, porque nunca darei um tal desgosto a meu pae, mas estou disposta a recolher-me ao convento do Desterro, onde tenho uma tia... e la morrerei solteira e fiel ao meu amor.

EDUARDO

Mas D. Adelia...isto é a vida...a esperança...a felicidade, que renascem a meu pobre amigo. A Sra. vae livral-o de dar a mais reverenda das cabeçadas!...Corro a dar-lhe tão agradável noticia.

ADELIA

Não é preciso...Elisa já deve lhe ter dito.

EDUARDO

Não faz mal...em todo o caso corro a abraçal-o e a dar-lhe os parabens. Sabendo que é amado e que ainda pode ser seu marido, evitará o abysmo em que ia cahir, e terá coragem para trabalhar. Sinto-me tão feliz que peço-lhe que me conceda a honra de uma quadrilha ou do que primeiro se tocar; mas desde já lhe previno de que nunca dansei em minha vida. (*Aparte*) Oh! la vem a tal velha dos contos, fujamos! (*Sahe com Adelia*).

SCENA XI

Porphyrio e Gabriela

PORPHYRIO

Entremos aqui para esta sala que é mais retirada.

GABRIELLA

Para que?

PORPHYRIO

Para conversarmos á nossa vontade...tratar negocios n'aquella lufa-lufa é o mesmo que tratat-os no meio da rua.

GABRIELLA

Não posso crer que o Sr. Gustavo queira dar esta cabeçada.

PORPHYRIO

Mas se elle mesmo me disse!...e até estava bem entusiasmado. Mas onde estará elle mettido?!

GABRIELLA

Pois saiba, meu charo, que eu ainda não estou tão caduca que não conheça o que sou e o que valho...Não pretendo sentir nem inspirar um ridiculo amor! Estimo este rapaz, porque vi-o praticar uma acção que elevou-o a meus olhos, e me fez desejar que elle fosse meu filho.

PORPHYRIO

Seu filho!...Ora essa!

GABRIELLA

E' triste envelhecer solteira...sem ter sentido nunca uma verdadeira afeição...conhecendo-se inutil sobre a terra. Por isso desejava encontrar alguém que merecesse a minha estima...para amal-o com toda a ternura accumulada durante tantos annos sem expandir-se;...mas amal-o como a um filho...dar-lhe tudo...fortuna...affectos...cuidados...mas sem nada querer receber sinão amisade e gratidão.

PORPHYRIO

Mas se o rapaz está apaixonado e quer dar-lhe a mão de esposo!...

GABRIELLA

Não o creio!

PORPHYRIO

Justamente ahi vem elle conversando com o amigo... sem duvida hão de fallar no projecto do casamento. Escondamo-nos n'este gabinete, e ouçamos o que elles dizem. *(Entrão para o gabinete.)*

SCENA XII

Gustavo e Eduardo

EDUARDO

Agora sim! .. Creio-te livre da velha! Que rhetorica a de D. Elisa!... Eu com toda a minha eloquencia nunca chegaria a conseguir cousa alguma!

GUSTAVO

(Radiante de prazer)—Ah! meu amigo!... Elisa fez-me o mais feliz dos homens!... A walsa foi um pretexto para poder conversar depois... e então contou-me que Adelia... a minha querida Adelia... nunca me deixou de amar... que está até disposta a reagir contra a tyrannia do pae, que quer sacrificar-a a este indigno Menezes. Oh! custa-me a crer tanta felicidade!

EDUARDO

Pois podes crê-la, porque ouvi esta confissão da pro-

pria bocca de D. Adelia, ainda agora... aqui... n'esta mesma sala.

GUSTAVO

Até que afinal o amor poude como Pygmalião da Fabula animar aquella estatua!... E' um verdadeiro milagre, que se deve ao benefico influxo de tão doce sentimento!

EDUARDO

O amor sempre foi o maior thaumaturgo de todos os tempos!

GUSTAVO

Agora já a vida não me é pesada!... Sofrerei resignado as inclemencias da sorte, porque tenho para confortar-me nas provações a idéa de que sou amado... e para dar-me alento nas horas de desanimo a esperanza da felicidade, que me sorri. Sinto o coração transbordar-me d'alegria.

EDUARDO

E' escusado dizer que o requerimento da velha está indeferido.

GUSTAVO

Não me falles em velhice!... Ah! meu Eduardo! a mocidade é o sol da vida!... Quando ella resplandece, o coração viceja, e os sentimentos generosos germinam!... Agora sinto-me com forças para trabalhar, e desde amanha vou dar lições de desenho.

SCENA XIII

Os mesmos e Gabriella

GABRIELLA

(Que tem ouvido tudo da porta do gabinete)—Não consinto!

EDUARDO

Que diz, minha senhora?

GABRIELLA

(A Gustavo)—Onde pretende o senhor chegar com as suas licções de desenho?

GUSTAVO

Onde Deus quizer!

GABRIELLA

Sei que o senhor quer montar uma fabrica... mas faltam-lhe os capitaes.... que disseram seus antigos credores?

GUSTAVO

Abanaram-me as orelhas..... e eu mandei-os ao diabo!

SCENA XIV

Os mesmos e Gervasio

GERVASIO

Meu pobre Gustavo, acabo de jogar a ultima carta com os teus antigos credores; propuz as maiores vantagens..... mas a nada os brutos se moveram!

GABRIELLA

Ja não é preciso. Eu que tambem fui credora do Sr. Gustavo ponho sessenta cortos á sua disposição para montar a fabrica;.... mas o pagamento ha de ser feito á minha vontade.

GUSTAVO

E como quer a senhora ser indemnizada?

GABRIELLA

Quero que desde ja me deixe tratat-o por filho; e mais tarde..... quando ficar outra vez rico..... que se case com esta moça a quem ama.... e me reserve um cantinho na sua casa, para eu ser testemunha de sua felicidade.

GUSTAVO

Minha senhora.... não sei se devo....

GABRIELLA

Acceite.... que faz-me até um grande favor, pelo qual lhe ficarei agradecida.

GERVASIO

Acho que não devo recusar um offerecimento tão franco e generoso.

GUSTAVO

Bem!.... Aceito! E agora.... que vejo reviver na senhora a santa affeição de minha mãe!.... agora que sinto renascer no coração o sagrado fogo do amor!.... agora que tenho estes dous talismans..... conheço que hei de ir avante!

EDUARDO

Ainda tens um outro:—a Benção de Deus—que sempre acompanha os homens de bem!

(*Cabe o panno.*)

ACTO V

O mesmo salão do 3º acto em casa de Meirelles.

SCENA I

*Meirelles sentado no sofá, Adelia de pé por detrás d'elle e
Elisa sentada n'um banquinho a seus pés*

ADELIA

Coragem, meu pae! Não se deixe abater assim
pelo infortunio!

MEIRELLES

Ah! que patife! que velhaco!

ELISA

Não se entregue assim ao desespero que pode adoe-
cer

MEIRELLES

Seria uma fortuna se a morte me livrasse da vergonha!

ELISA

E nós?! Como ficariam suas filhas?

MEIRELLES

Ah! malvado!

ADELIA

Meu pae acalme-se tem toda a razão; mas deses-
perando-se por esta forma não dá remedio á cousa alguma.

109

MEIRELLES

Eu! querer admittir um ladrão em minha familia! . . .
Eu que nunca me afastei do caminho da honra! (*á Adelia*) E
tu, minha pobre filha, que eu quiz ligar a este miseravel! . . .
perdoa-me querer fazer-te tão desgraçada!

ADELIA

A sua intenção era fazer-me feliz, e isto basta para eu só
ter motivos de lhe agradecer. Não se importe comigo eu
só quero a saude para tratá-lo na sua velhice . . . e poder
dissipar com os meus carinhos as lembranças d'este golpe
terrivel!

MEIRELLES

Querida filha!

ADELIA

E' tão facil enganarmo-nos!

MEIRELLES

E' verdade! e o mais esperto teria sido victima! O
hypocrita tinha labia para iludir a todos! Tu mesma te
ias deixando cahir porque, enfim, eu não te ordenava . . .
apenas pedia-te e dava-te conselhos, que tu ias seguir
por achal-os justos quando Deus inspirou-te, e declaras-
te-me positivamente que não te casarias diz-me, não é
verdade?

ADELIA

Sobre este ponto, juro-lhe, meu pae, que nunca ouvirá de
mim um só queixume.

MEIRELLES

Alem dos bens alheios, de que vae carregado; o petife leva-me tambem quasi tudo quanto eu possuia, e deixa-me comprometido pela imprudencia que commetti de assignar lettras como fiador. Na minha idade é duro soffrer privações!..... e ver perdido de repente o fructo de tantos annos de trabalho!.... Ah!.... ladrão...ah! ássassino!...

ELISA

Meu pae, pelo amor de Deos, socegue!...

MEIRELLES

Não é por mim que sinto... para os poucos dias que me restam de vida, não faltaria um asylo em que os passasse! Sinto por ella, meu Deus!... Por ti, Adelia, que podias ser hoje tão feliz!... por ti, Elisa, que nunca te poderás casar; porque os homens em vez das qualidades pessoaes só procurão o Jote!

ELISA

Por mim não se consuma, meu pae. Se eu achar alguem que me queira pobre, tanto melhor para mim... realise-se o meu sonho dourado: acho um marido que me estima por mim mesma. Se não achar... paciencia!... não morrerei por isso. A pobreza não me assusta!... e a miseria não receio... porque sei coser... sei bordar... sei desenhar...

UM CREADO

(Annunciando) O sr Gustavo de Amorim

ADELIA

(Com alegria) Elle!

MEIRELLES

Pode entrar. (*O creado sahe*)—Que quererá dizer esta visita?

SCENA II

Os mesmos, Gustavo, Eduardo e Gervasio

GERVASIO

(*Entrando primeiro e dando a mão a Gustavo*)—Ora entre!..... sou eu que quero apresental-o. (*A Meirelles*) Meu charo senhor Meirelles, permitta que traga a sua casa um dos seus antigos frequentadores. Elle vem cheio de satisfação!.... e o senhor mesmo, aposto, que não ficará desgostoso em recebel-o de novo.

MEIRELLES

(*Com frieza.*)—Certamente!..... é uma honra que eu estava longe de esperar.

ELISA

O Sr. Gustavo sabe que vindo a esta casa encontrará sempre uma amizade sincera!

MEIRELLES

Mas... a que devo o favor de sua visita!

—GERVASIO

(*Baixo a Gustavo.*)—E' o momento critico!

GUSTAVO

(*Idem a Gervasio e a Eduardo.*)—Falta-me o animo.

EDUARDO

Pois bem!... fallo eu por ti! Sr. Meirelles, o senhor vio... cousa pouco vulgar... como um nobre coração sabe perder sua fortuna... saberá agora como um coração nobre sabe reconquistal-a. Nosso amigo appellou para a industria... fundou uma fabrica de tecer... e a sorte, não, digo mal... e Deus ajudou-o! Eil-o de novo rico; mas agora devendo tudo a si.

GERVASIO

E' exacto. A fabrica habilmente dirigida excedeo desde o principio a minha expectativa... ja rende dez contos liquidos por anno, e hade vir ainda a render muito mais com alguns melhoramentos.

MEIRELLES

Estimo muito e dou-lhe os parabens;... mas não vejo o que pode haver de commum...

EDUARDO

Ja o vae saber. Quando Gustavo entregava-se com afan ao trabalho rude e assiduo tinha uma doce esperanza, que o alentava...

GERVASIO

Para encurtar rasões Sr. Meirelles, elle ainda ama a sua filha Adelia.

ELISA

E ella nunca o deixou de amar.

GUSTAVO

E' verdade que quando lhe pedi a mão de D. Adelia, o

senhor não me foi favoravel; foi um duro golpe que fez-me sangrar o coração....

MEIRELLES

Si eu tivesse consultado somente as minhas inclinações...

GUSTAVO

Eu não o accuso! Mas no desespero em que fiquei e vendo-me sem recursos, talvez tivesse succumbido, se D. Adelia não me animasse com uma esperanza que salvou-me!

MEIRELLES

Foi o ceo quem o protegeo!

GUSTAVO

Mas sem ella e sem estes amigos eu não teria resistido. Elles retemperaram-me a alma... ella reanimou-me o coração! Assim reitero hoje o pedido que ja em outra occasião lhe fiz.

MEIRELLES

Penhora-me extremamente o seu pedido; mas, por minha vez, devo-lhe uma declaração... porque d'aqui em diante quero tambem ser franco, leal, e sincero! A confiança que depositei em um homem indigno d'ella arruinou-me....

GUSTAVO

Ja o sabia, Sr. Meirelles.

MEIRELLES

Portanto, minhas filhas não teem dote.

GUSTAVO

Não importa. Vim aqui apenas pedir a mão de D. Adelia; ella será o seu proprio dote!

MEIRELLES

Oh! a mocidade é sempre a mesma!..... ardente e generosa!... Eu também já passei por esta quadra ditosa!... Porque hade o tempo asedar tão nobres sentimentos?! (A Adelia). Vem cá, minha filha, ouviste o honroso pedido do Sr. Gustavo de Amorim, eu o acceptaria com a melhor vontade para genro..... mas tu o queres acceptar de igual modo para marido?

GUSTAVO

D. Adelia, se me quizer conceder a felicidade, juro-lhe que o amor mais terno....

ELISA

Acceita, maninha!... Casando-te com Gustavo fazes tua completa felicidade, porque te ligas ao amor e á honra!

ADELIA

Bem!... Uma vez que minha irmã e meu pae exprimem este desejo... eu não devo por mais tempo occultar a minha alegria! Sr. Gustavo é com o maior praser que acceito a sua mão.

GUSTAVO

(Aceitando-lhe a mão) Adelia!

MEIRELLES

E Deus os faça tão felizes como merecem!

EDUARDO

E nós que o vejamos!

GERVASIO

(Esfregando as mãos de contente) Depressa! Sr. tabellião!... depressa!... Olhe esse contracto que saia!

CREADO

Uns homens que não quizeram dizer o nome procuram pelo Sr.

MEIRELLES

Que entrem! (O creado sahe).

SCENA III

Os mesmos, Raymundo, Andrade, Timotheo, e Evaristo

MEIRELLES

(Aparte) Meu Deus!... estes homens aqui, e n'esta occasião!... que vergonha!

RAYMUNDO

Perdão, Sr. Meirelles, se o venho incomodar; mas o Sr. já devia esperar por nós.

MEIRELLES

Queirão sentar-se (sentão-se formando um grupo á direita, os outros personagens ficão de pé em outro grupo ao fundo, e conversão entre si. Gustavo presta attenção a conversa de Meirelles. Elles fallam á meia voz, mas animados).

ANDRADE

O Sr. parece ter se esquecido de que nos deve uma certa quantia, que...

MEIRELLES

Eu, meus senhores?...

RAYMUNDO

Sim! o Sr. ou o Menezes... é tudo a mesma cousa.....

são solidários na dívida: Elle fugio; mas o Sr. não nos hade escapar... e como fiador e principal pagador é responsavel pelo nosso dinheiro!

TIMOTHEO

Que muito nos custa a ganhar!

ANDRADE

O dinheiro é sangue!... e entretanto a nós que sempre o perdemos é que nos chamão de sanguesugas!

EVARISTO

Invertem os papeis!... Mas se a constituição veio inverter tudo!

MEIRELLES

Os Srs. tem toda a razão. Não desconheço a dívida pela qual sou responsavel; mas não a posso agora pagar, porque, como talvez não ignorem, eu tambem fui expoliado de tudo quanto possuia. Hoje estou completamente pobre!

RAYMUNDO

Sinto muito; mas não tenho nada com isso!

MEIRELLES

Concedão-me alguma demora...

ANDRADE

Para pagar quando?... e com que?... Espera tirar alguma sorte grande?

RAYMUNDO

Quando nem tem com que comprar bilheto?! Nada...

nada!... meu charo Sr.! Estamos muito escarmentados!... Queremos ser pagos e ja!

MEIRELLES

Mas como?

ANDRADE

Como?... Pois não sabe que temos os recursos legais?

EVARISTO

E' o unico artigo bem da Constituição: o que garante a propriedade alheia!

MEIRELLES

Que tencionam fazer ?

RAYMUNDO

Seguir os tramites ordinarios:... chamal-o a conciliação, e se o Sr. não der de si, requerer um mandado de executivo e fazer-lhe penhora nos trastes. Estas cousas não estão no meu genio, mas que remedio?!... Os senhores obrigão-nos a isto!

ANDRADE

Não acha outro meio menos violento?

MEIRELLES

Não me fação passar por esta vergonha!

ANDRADE

E' o nosso unico lucro; porque os trastes não chegão para o pagamento; e sabemos que n'estas occasiões sonega-se muita pratinha... e muito objecto de valor.

EVARISTO

Além da cama, que a peste da Constituição isenta da penhora.

TIMOTHEO

Vamos, Sr. Meirelles... descubra um meio... eu não desejo desgraçá-lo... quero apenas uma garantia para os meus capitães.

MEIRELLES

Os senhores impellem-me para o suicidio!

TIMOTHEO

Deus nos livre de concorrer para uma desgraça! Ainda tudo se pode arranjar... veja se algum amigo quer ficar pelo senhor...

MEIRELLES

No estado em que me acho, quem me abonará?

GUSTAVO

Responsabiliso-me pelas dividas do Sr. Meirelles!

RAYMUNDO

Oh! o Sr. Gustavo de Amorim!... isto agora é outro cantar!

GUSTAVO

Os Srs. me conhecem!... Já uma vez paguei-lhes as dividas de meu pae, agora pago-lhes as do pae de minha mulher!

ANDRADE

Ah! vae casar na familia?! (A Meirelles) Ora, meu amigo, porque não nos disse!

MEIRELLES

Não o disse, porque não consinto, que elle pague essas dividas.

GUSTAVO

Perdão, Sr. Meirelles... mas o Sr. não póde impedir que eu offereça a D. Adelia o meu presente de noivado? (Aos creadores) Os senhores conhecem-me perfeitamente; queirão ter o incommodo de amanhã passarem no meu escriptorio para substituirem as letras, que teem em seu poder por outras, em que o Sr. Meirelles assignará como devedor, e eu como fiador e principal pagador. Aceitão?

RAYMUNDO

Da melhor vontade! Meu querido Sr. Meirelles, desculpe o incommodo que lhe viemos causar. Nós estavamos dispostos conceder-lhe toda a demora rasoavel, queriamos apenas uma fiança, porque...

ANDRADE

Sim... bem sabe que ha viver e morrer!

TIMOTHEO

Se precisar de qualquer quantia para as despesas do casamento da Sra. sua filha...

MEIRELLES

Muito agradecido.

GUSTAVO

De nada mais precisamos....

EDUARDO

Senão de que os Srs. convenção-se de que vierão inter-

romper uma doce expansão de familia. (*Pegando nos chapéus e entregando-lhes*) Não sei se me comprehendem. Desculpe, Sr. Meirelles.

EVARISTO

(*Furioso*) Comprehendemos perfeitamente; depois da Constituição não ha grosseria que não se comprehenda.

TIMOTHEO

Queira desculpar...a nossa inconveniencia (*Sahem*).

SCENA IV

Os mesmos, menos Raymundo, Andrade, Timotheo, e Evaristo

MEIRELLES

Meu querido Gustavo, como lhe agradecer?

GUSTAVO

De modo algum...Não faço mais do que cumprir um dever bem grato ao meu coração. Mas não fallemos mais n'isto.

ELISA

Agora que ja se forão aquelles mal encarados vou tambem apresentar o meu requerimento.

GUSTAVO

Desde já está deferido.

ELISA

Peço que haja dança no dia do casamento.

GUSTAVO

Decididamente!...E desde já lhe peço uma walsa em recordação d'aquella walsa do baile de meu amigo Gervasio, em que a senhora restituiu a paz e a tranquillidade a meu pobre coração.

EDUARDO

E eu aproveitarei o ensejo para dançar pela segunda e ultima vez, na minha vida.

CREADO

O Sr. Porphyrio e o Sr. Barbosa.

ELISA

Ainda outros massantes!

SCENA V

Os mesmos, Porphyrio e Barbosa

PORPHYRIO

Dá licença, meu charo Sr. Meirelles! Iamos passando, e como conhecemos a caleça do nosso amigo Gustavo, entramos porque temos a communicar-lhe negocios de grande importancia.

BARBOSA

E assim...de uma cajadada apanhamos dous coelhos. Visitamol-o, e fallamos ao nosso bom amigo Gustavo.

MEIRELLES

Minha casa está sempre ás suas ordens.

GUSTAVO

Mas que pretendem de mim?



PORPHYRIO

Vinha propor-lhe um partido vantajosissimo... é a filha de um rico capitalista, cujo dote...

GUSTAVO

Perdão, Sr. Porphyrio... por maior que seja elle, não é tão grande como o que me traz em virtudes D. Adelia, com quem muito em breve me vou casar.

PORPHYRIO

Ah! n'esse caso aceite meus parabens, e já não está aqui quem fallou.

GUSTAVO

(A Barbosa).—E o senhor o que pretende?

BARBOSA

Tomando em consideração o pedido que o senhor me fez no baile do nosso amigo Gervasio, vinha annunciar-lhe que estou bem esperançado de obter o logar de chefe de secção....

GUSTAVO

Para mim, Sr. Barbosa?... Agradeço. Agora, que me vejo outra vez rico despenso os empregos publicos.

BARBOSA

Como entender; mas quero (que veja que não me descuidei.

GUSTAVO

Quando eu tinha bens de fortuna, gozei sua amizade,... depois enquanto vivi pobre, passei sem a sua protecção... hoje que a sorte me sorri de novo, despenso uma e outra.

BARBOSA

Que quer dizer, Sr. Gustavo?

GUSTAVO

Que para amigos bastam-me estes dous, que o foram na adversidade... foram meus amigos *hontem*.... o são *hoje*... e sel-o-hão *amanhan*!.... E para proteger-me.... actualmente... só preciso de Deus!

BARBOSA

(*Confuso*).—Bem, n'esse caso.... queira desculpar! Sempre tenho encontrado ingratos. Vamos, Sr. Porphyrio (*Sahe*).

SCENA ULTIMA

Os mesmos, menos Porphyrio e Barbosa

ELISA

Felizmente deixaram-nos sós!

MEIRELLES

Bem! agora, Gustavo, meu filho vamos jantar em familia, e teus amigos far-me-hão o obzequio de aceitar um talher á nossa meza.

GERVASIO

Da melhor vontade aceito.... e prometto comer com o quatro.

EDUARDO

(*Perfilando-se e fazendo a continencia*).—Obedego, meu major!.... mas só em cumprimento á disciplina militar!
(*Cabe o panno.*)

FIM